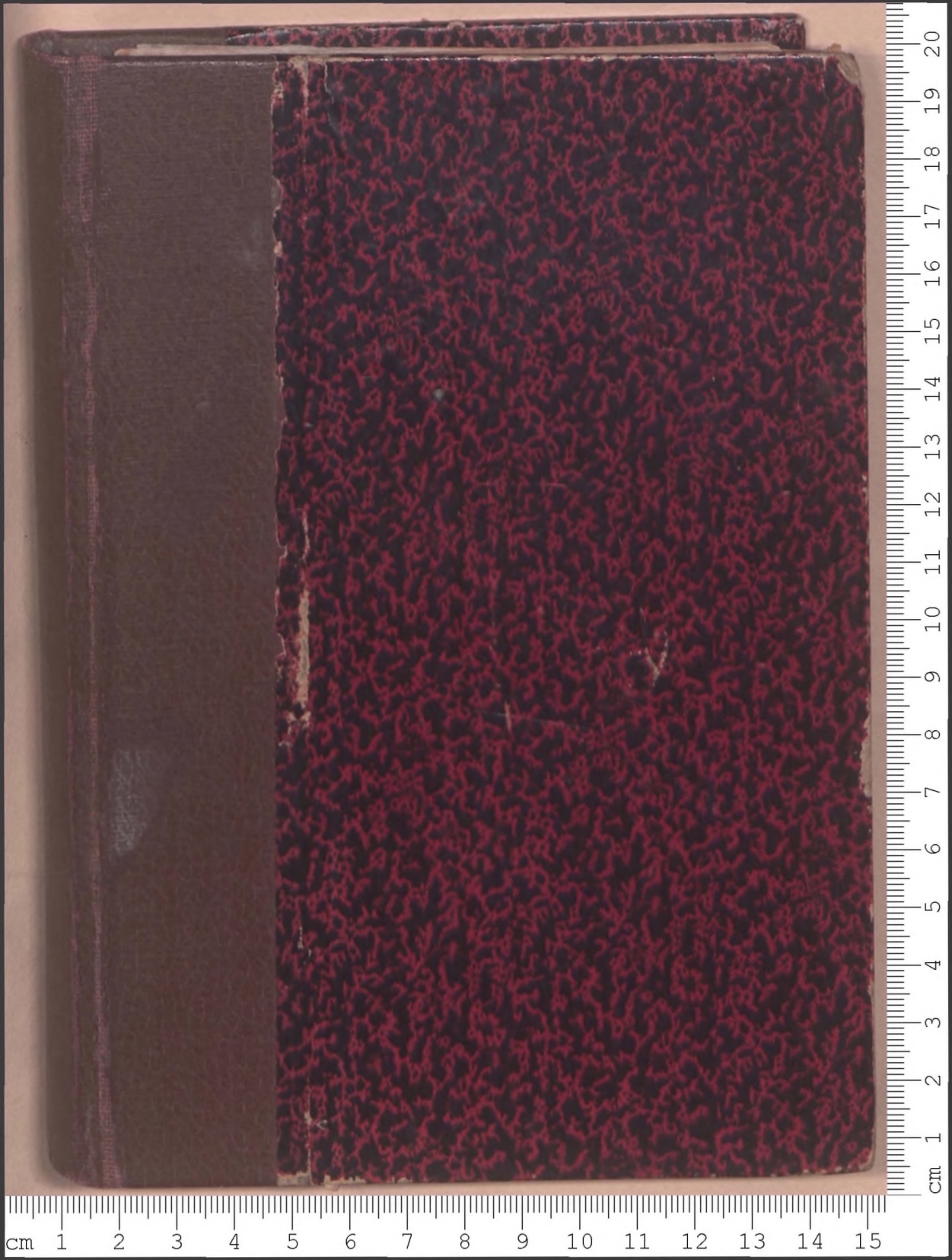


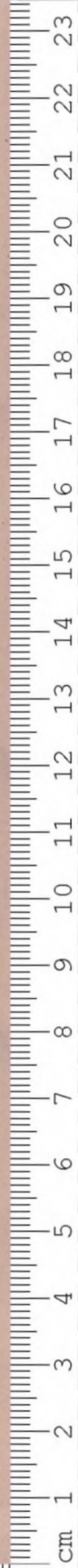


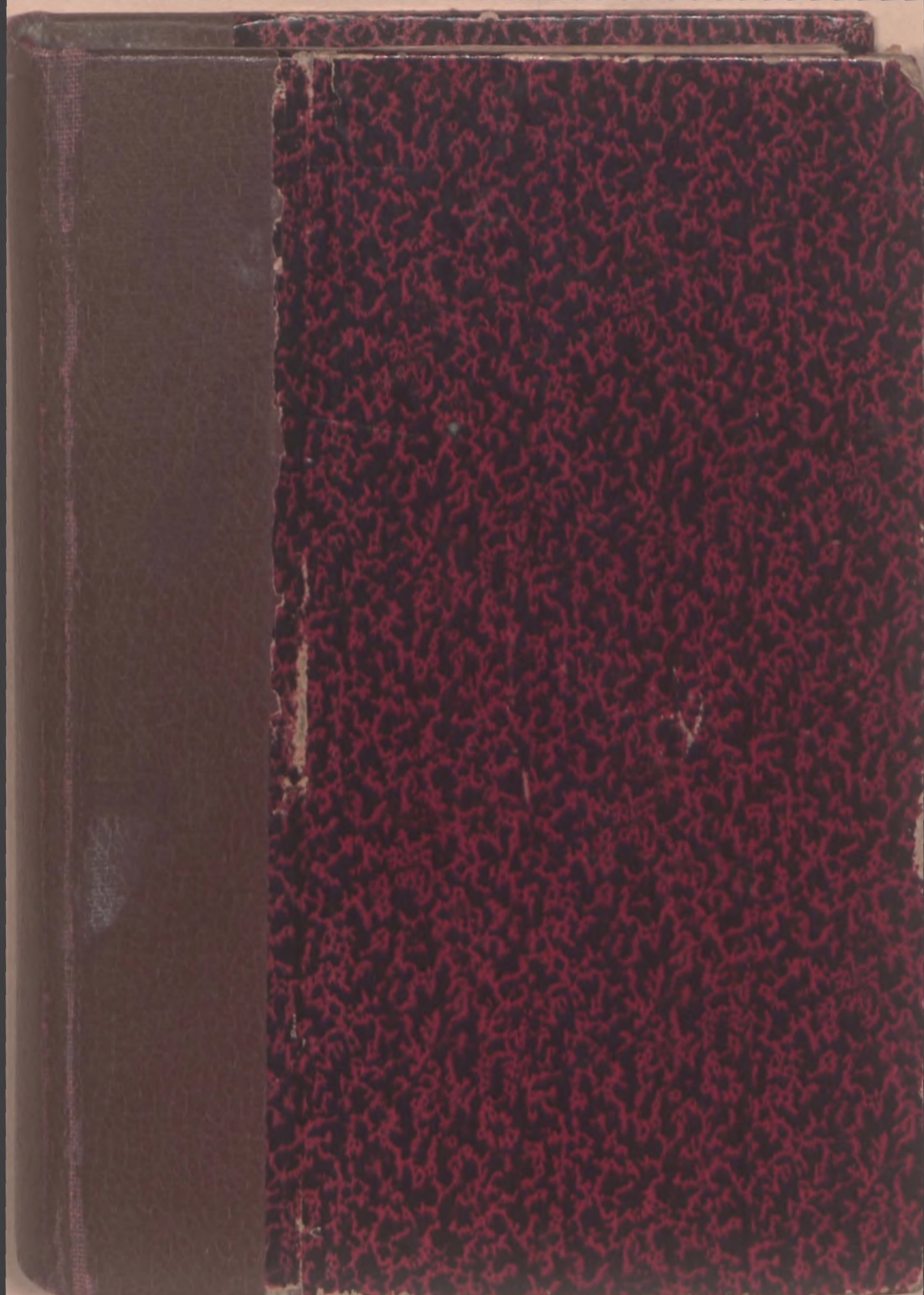
cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20

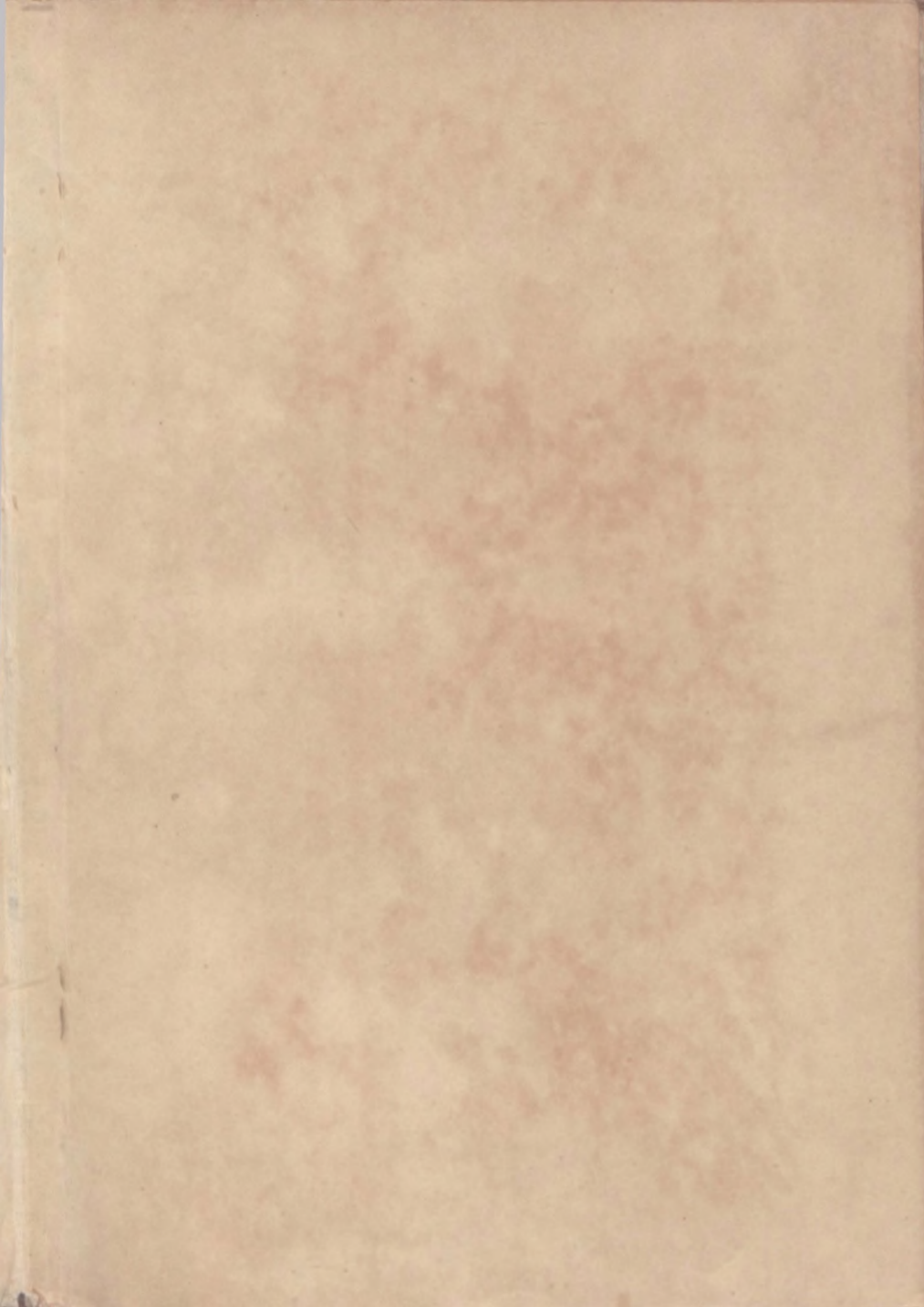












Dhalias

Nota de Souza

Nada do que está escripto é bello: o que ha de mais divino no coração do homem nunca se lá sabe. O instrumento é de carne; o nota é de fogo. — Entre o que se sente e o que se exprime, ha a mesma distancia que entre a alma e as Trevas e quato lettras de um apphabeto. Sôto quer dizer o infinito. Seus traços n'uma flauta da carne a harmonia dos esphaeras? O amor completo é pacificante porque é abso-
luto e sente de eterno.

Lamartine - Raphael

Anta de Souza

Phalias.

(1893 - 1897)

Macahyba.

Phalias

11.1

7

A' memoria de meu pae,
de minha mãe
e de meu irmão.

De humilde, do teu d'ão, te regaço!
Fino, de a combra do salgueiro affilado
Var, pois, meu livro! E como humo e glosa
Luz, me no livro como de... e glosa

C. Alves.

A' minha avó e a meus irmãos.

.....

.....

As boas Irmãs do Collegio da Estancia,
almas piedosas e simples que me edu-
caram o coração + o espirito, offerço
+ que houve de mais singelo e puro
n'este livro de versos.

Meu Deus! mas gostava de mim mesmo d'ab
 Sobram perfumes - Se não falta amor.
 C. de Alencar

Primeira pagina.

(A' minha avó)

Minh' alma vai cantar, alma sagrada!
Raio de sol dos meus primeiros dias ...
Gotta de luz nas regiões sombrias
De minha vida triste e amargurada.

Minh' alma vai cantar, velhinha amada!
Rio onde correm minhas alegrias ...
Anjo benedito que me refugias
Nas tuas azas contra a sina irada!

Minh' alma vai cantar... Transforma o rio
N'um cope santo de caricias cheias,
Para este livro, - todo o meu thesouro... -

Eu quero ver-o, em desejada calma,
No rico sanctuario de tu' alma ...
- Hostia guardada n'um ciborio de ouro! -

Angelina.

(A memoria de Angelina P. da Silva)

Brilhante como uma estrella,
 creanga e já n'uma cova!
 J. Gustachio de Aguiar.

Ter doze annos somente
 E n'esta idade soffrer!
 Sonhar um porvir ridente
 E n'esta aurora morrer!

Eis o que foi-te a existencia,
 O desditosa Angelina,
 Noce Lyrio de innocencia,
 Sobre gotta de neblina.

Como dois botões pequenos,
 Duas flores ovalhadas,
 Seus olhos dormem serenos
 Sob as pupillas cerradas.

Voaste, meiga creança,
 Cão felicicira e mimosa,
 Como um riso de esperança,
 Como uma folha de rosa.

É triste morrer no fim
 De uma manhã d'esplendores...
 A fronte occultar assim
 N'uma grinalda de flores.

E sentir por entre a dor
 Na derradeira agonia,
 De mãe um beijo de amor
 Rocar a fronte já fria.

Quando, n'um suspiro leve,
 Est'alma que o corpo encena

Como uma pomba de neve
 A desprender-se da terra; -

Com um vôo suave e franco
 Fugiu para o Céu de azul.
 Vestirão-te então de branco
 Como uma noiva gentil.

No setineo caixãozinho
 Mais puro que as alvoradas,
 Repuzerão teu corpinho
 Entre as cambraias nevadas.

Ahi no funereo leito,
 Toda coberta de rosas,
 Sendo cruzadas ao peito
 Duas mãosinhas formosas;

19
Pareces um anjo santo
Envolto em gelido véo,
Transponde azulado manto
Como em procura do Céu.

Eu sigo-te o vôo alado
Pela esphera diamantina,
O meu anjo immaculado,
O' minha santa Angelina!

Passando...

(Ao talentoso poeta Dr. Celestino Wanderley, em agradeci-
mento a sua "Morte de Cecy.")

Quando vêm - me passar risosha e calma,
Sem um pesar que me annuie a fronte,
Olhar perdido além pelo horizonte,
Cuidão que leve o paraíso n'alma...

Mesmo já achiei quem me dissesse um dia:
"Inveja-te a existencia descuída."
Como se espinhos não tivesse a rosa
Ou fosse a vida isenta de agonia!

Torçim conquanto, desdenhosa e altiva,
Eu vou passando, alegre ou pensativa,
A rir, a rir, como um feliz demente...

Além pobre coração dentro do peito,
- Existe doente a agonisar no leito -
Vai soluçando dolorosamente...

Renato

Um menino interessante
 É o Renato da Carminha:
 Um cheubim tão galante
 Cuidai que a teusa não vinha!

É como lhe assenta bem
 A roupinha azul que veste...
 Há-lhe no ar de quem vem
 De uma paragon cebeste.

Quando elle passa, tão lindo!
 A Tardinha a passear...
 Todos lhe fallam sorrindo
 Com vontade de o beijar.

As mães o chamão: filhinho!
 As moças dizem: meu bem!
 Mas o capetã do anjinho
 Não olha para ninguém.

Como elle fica engraçado,
 - O pequenino tãful -
 Com o seu bonnet, posto ao lado,
 Codo de velludo azul.

O seu cabellito louro
 A se escapat do chapéo,
 Parece uma nuvem de ouro
 Querendo sahir do Céu.

Olhos azues.

(A Palmyra Magalhães)

O teu olhar azul claro
 Reflete não sei que luz,
 O brilho fulgente e raro
 No amigo olhar de Jesus.

Eu cuido ver todo o encanto,
 Toda a belleza do Céu,
 N'estes teus olhos sem pesanto,
 N'estes teus olhos sem véo

Sinto uma doce ventura,
 Uma alegria sem fim...
 Se d'elles a chamma pura
 Ao vexo cae sobre mim.

São flôres azues boiando
A tona d'agua, de lve,
Estes doux olhos beijando
O teu semblante de neve.

Este queixume amado!

Valvez minha alma mesmo a ti voasse

E n' um berço de flôr ella embalasse

Um riso abençoado.

Mas não, escuta bem: eu não te amei;

Se me quizesse amar mesmo nem sei...

Meu sonho é tão diverso!

Penho alguém a quem amo mais que a vida

Deus abençoa esta fraqueza querida,

Eu sou noiva de Verso.

E foi assim... A' um dia muito frio,

Achei meu riso de illusões vazio

E o coração chorando...

Era o meu ideal que se ia embora

E eu soluçava emquanto alguém lá fora

Baixinho ia cantando:

285
" Eu sou o orvalho sagrado
Eu dou alento e vida as flores,
Eu sou o balsamo amado
Eu sara todas as dores.

Eu sou o pequeno copre
Eu guarda os raios da aurora,
Perto de mim ninguém soffre,
Perto de mim ninguém chora.

Todos os dias bem cedo
Eu saio a procurar lyrios,
Para enfiar em segredo
A negra cruz dos martyrios.

Vem para mim alma triste
Eu solucos de agonia,
No meu seio o Amor existe

287
Eu sou filho da Poesia.»

Meu coração despiu toda a amargura
Embalado na mystica doçura
Da voz que recitava.

Presa do Amor na suspirosa calma
Eu fui abrir as portas de minh'alma
Ao Vicio que passava ...

Desde este dia nunca mais deixei-o.
Elle vive cantando no meu seio
N'uma algaravia louca!

Que seria de mim se elle fugisse,
Que seria de mim se não ouvisse
A voz de sua bocca!

Não posso dar-te amor, bem vê; meus sonhos
São da Poesia os ideiaes risinhos

28

Em lago de ouro immersos...

Eu não sabes dourar os meus abrolhos,

E eu procurava apenas nos teus olhos

Assumpto p'ra meus versos.

7-96.

De longe ...

(A minha amiga Antonia Araújo)

Para os teus annos, formosa,
Onde não vão meus desejos?
Mas longe de ti, saudosa,
Só posso enviar-te beijos.

Seria porém com pressa,
Cheia de muito recio
Que eu faria esta remessa
De beijos pelo correio.

É então, pelo espaço alado
Eu vou saltar-os em bando,
Como um batalhão dourado
De passarinhos voando.

Podem assim, os amores,
Levar-te n'ara dispersos:
Minh'alma desfeita em flores
E meu coração em versos

26-11-96.

Partindo.

« Espera em voltarai, » elle dizia:
 (Quanto era triste e sem olhos tão doce!)
 Chorosa e terna a fallar the tremia
 Como se a corda de algum harpa fosse.

E ella, a pallida noiva estremecida,
 Fitou no amado os grandes olhos seus ...
 E murmurou, baixinho e commovida,
 Suasi a chorar e muito a medo: Adieu!

Antonieta .

Esta criança formosa
 Com um sorriso argentino,
 Como o gorgueo divino
 Sue solta uma ave saudosa .

Muito innocente e mimosa
 - Semelha um lyrio franzino, -
 No rostinho pequenino
 Guarda uma bocca de rosa .

Se falla a voz adorada
 Parece uma harpa encantada
 Sue os hymnos de Alim descerra ...

Esta criança, Senhor!
 E' um mimo de teu amor
 Um anjo descido a terra .

Meu sonho

(A' desconhecida amiga Eugenia B. de S. Mello)

Eu tenho um sonho que no co mora

Feito de luz e feito de amor:

Um sonho roseo como uma aurora,

Um sonho lindo como uma flor.

E eu vivo sempre, sempre sonhando,

O mesmo sonho de noite e dia,

O mesmo sonho suave e brando

De minha vida toda a alegria.

Quando eu soluce, quando minh' alma,

Cheia de angustia fica a chorar,

O sonho amado me traz a calma

E então minh' alma põe-se a rir.

Quando nas noites frias de inverno

Eu tenho medo da tempestade,
 Elle o meu sonho, consolo eterno,
 Transforma as sombras em claridade.

Quando no seio, choroso e louco,
 Palpita incerto o meu coração,
 O sonho doce vem pouco a pouco
 Crazer-me a graça de uma illusão.

É eu canto e rio na luz immensa
 D'este dilúvio de phantasias ...
 Minh'alma vôa no azul dispersa
 Buscando a patria das harmonias.

Illusão doce, visão dourada,
 Chimera excelsa dos meus amores,
 Perla branca, caricia amada,
 Balsamo puro das minhas dores;

Elle, o meu sonho, pharol que encanta,
 Mostra-me a patria da saboção,
 Sorriso ingenuo, reliquia santa
 No relicario do coração!

Elle, o meu sonho, pharol que encanta,
Mostra-me a patria da sabração,
Sorriso ingenuo, reliquia santa
No relicario do coração!

No Templo.

Que suave harmonia
Com tua voz:
Tu roubaste - a, Maria,
Nos roucinóis.

Aqui na Igreja santa
Se vens rezar,
Quanta piedade, quanta!
Graças no olhar.

Maria! como és bella
Junto a Jesus!
O teu olhar de estrella
Parece luz.

E que doce brancura

Na tua cõr
Esens a pallida alvura
De um lyrio em flôr.

Junta estas mãos, formosa!
Assim... assim...
Beica o labio de rosa
Pedit por mim.

Vale tanto uma prece
Dita por ti...
Mas... a noite já desce
Vamos d'aqui.

Olha que em tento medo
Da escuridão:
Vamos... termina cedo
Essa oração.

Noemi

Eu quizera saber em que ella pensa
Esta mimosa e santa creatura,
Quando indeciso o seu olhar procura
Alguns estrellas pelo Azul suspensa.

E que tristeza indefinida, immensa,
Do seu olhar na flamma ardente e pura
Interminada e suave se condensa
Como as brumas no Céo em noite escura.

Pobre creança! Que infinita magua,
Punge-te o sei e te annuvia os olhos,
— Bemditos olhos sempre rasos d'agua!

Choras?! E o mundo te offerce flores ...
Veixa os espinhos, lagrimas e abrolhos,
So' para mim, que só conheço dores!

38.

No album ^{de Eugénia} de uma amiga.

(A' Eugénia)

~~Quanta~~ dor a boiar nos olhos das crianças,
Quanta gotta a tremor no calice das flores ...
E aqui n'este jardim, plantado de esperanças,
Eu venho inda deposit a lagrima das dores.

A lagrima é o meu nome escripto entre as folhas,
Paginas de teu livro, um berço de boninas!
Pois não bastava o orvalho a tremular nas rosas,
Nem o pranto a rolar nas faces pequeninas?

40
Dia de inverno.

(A memoria de meu irmão Junão)

N'um dia mesmo assim foi que partisti
Cheio de dor e de tristeza cheio ...

E eu fiquei a chorar n'um doudo ancio
Olhando o espaço embeirado e triste.

Não sei se magua mais profunda existe
No que a saudade que me opprime o seio,
Sic esta amargura que ferir-me veio
Desde o momento em que tu me fugiste.

Os annos que já vão! Entretanto eu scismo
A toda a hora no profundo abysmo
Que veis a morte ante de nós cavar ...

E cada noite n'aza de uma prece
Ou n'um raio de sol quando amanhece
Vejo tu' alma para o Céu voar!

Lagrimas.

(A' meu irmão João Concio de Souza)

Eu não sei o que tenho... Essa tristeza
 Parece um sorriso de amor nem mesmo a clara,
 Parece vir de alguma fonte amara
 Ou de um rio de dor na correnteza.

Minha alma triste n'agonia presa,
 Não comprehende esta ventura clara,
 Esta harmonia ^{maravilhosa} ~~há sempre~~ e rara
 Que ouve cantar além pela divisa

Eu não sei o que tenho... Esse martyrio,
 Essa saudade roca como um lyrio
 Pranto sem fim que dos meus olhos corre...

Deve ser o suspiro doloroso,
 O estertor prolongado e angustioso
 No ultimo adeus de um coração que morre.

A morte de Helena

«Eu não quero morrer,» dizia a pobre Helena,
 E a fronte a solugar cahiu no travessiro...
 Ella lembrava assim a pallida assucena
 Ou do galho a pender a flor do jasmineiro.

«Não me deixem morrer assim a Primavera,
 Esconde-me no seio, ó minha mãe querida!
 A morte como é triste e o noivo que me espera
 Ha de chamar por mim. Quem restitue-me a vida?»

E se poz a chorar: mas chegando o delirio
 Esqueceu-se da morte e começou a rir...
 Sobre noiva do amor! Pobre folha de lyrio!
 Ella os olhos cerrou como quem vai dormir.

Miserrima creanga! Estava alli bem perto

A morte a se abisnar de seu leito sagrado,
Para arrastar-lhe o corpo ao tumulo deserto
Onde não brilha o Sol nem um sorriso amado.

E quando despertou d'aquelle doce encanto,
Conheceu que morria e cheia de pavor
Supplicou de Jesus por seu martyrio santo
Que a deixasse na terra ao pé de seu amor.

«Mas sei que parto sempre» acrescentou chorando
«Mostroa-se-me da creença o doloroso véo ...
A minha mãe vem commigo, a morte vai chegando
E eu talvez possa errar o caminho do Céu!»

.....
E n' esta mesma noite, escura, tenebrosa,
Quisou a doce Helena a terra, pobre goivo!
Mas tinha para ungió-lhe a campa luctuosa
Uma prece de mãe e as lagrimas do noivo.

Soneto

(A minha interessante afilhadinha, Maurina Gomes)

Eudo o que é puro, santo e resplendente,
N'este mundo cruel de desenganos;

Eoda a ventura dos primeiros annos

De uma ^{alma} que desbrocha sorridente;

Eudo o que ainda vemos de potente

Na vastidão sem fim dos oceanos,

E da terra nos prantos soberanos

Esapidos pela amora refulgente;

Eudo o que desce do infinito ^{ausado} ousado,

O Sol, a brisa, o revalho prateado,

A luz do Amor, do Bem, das esperanças...

Eudo afinal que vem do Céu dourado

A despertar o coração magoado,

Que encerrou nos olhos das creanças.

49
Budo o que corre ao céu, ludo o que
Baldassini o teu nome

Regina Caeli. *Luz*

(A minha amiga Antonia Araújo.)

Tu nome santo, ó Maria!
Com a doçura innocente,
De uma caricia macia,
De uma chimera dolente.

N'elle se embala a esperanza
N'uma meiguice dilecta,
Como no berço a criança,
Como no verso o poeta.

No Céo teu nome nos desce
N'uma harmonia divina
Como o cisco da fesse
Nos labios de uma menina.

Ceu nome é ~~estudo~~ ^{estudo}
 Prendido em formoso vé,
 Qual branca nuvem no espaço,
 Qual uma estrella no Céu.

Ceu nome reflecte a imagem
 Na melodia serena,
 Sue passa rindo n'aragem
 E no vojar da pteridna.

Apna blandicia suare
 N'elle cantando divaga,
 Como no Azul uma ave,
 Como no Mar uma vaga.

Ceu nome, cheiroso lyrio,
 No niveo calice encerra
 Todo o mysterio do Empyreo,

Toda a alegria da Terra.

Como um contraste de encanto
 N'este teu nome divino,
 Toda a saudade do pranto
 E todo o affago do riso.

Ah! todo o perfume amado,
 Toda a fragancia minúscula,
 Que o colibri namorado
 Bebe no seio da rosa;

Toda a pureza do Amor,
 Todo o fitico do olhar,
 O orvalho a cair na flor,
 Sreno a cair no mar...

Quando em teu nome palpita,

Eudo embriaga e seduz,
Como a delicia infinita
De um paraíso de luz.

E n' um canto repassado
De lyrismo que extasia,
Ceu nome vive embalado,
Ceu nome santo, ó Maria!

O Beija-flor.

Acostumai-me a vê-lo todo o dia
 Na manhãzinha, alegre e prazenteiro,
 Beijando as flores brancas do canteiro
 No meu jardim — a patria da ambrosia. —

Pequeno e lindo só me parecia
 Que era da noite o sonho derradeiro...
 Vinha trazer as rosas o primeiro
 Beijo do Sol n'essa manha tão fria!

Um dia foi-se e não voltou... e eu quando
 A suspirar me ponho contemplando
 Sombria e triste o meu jardim riunho...

Digo a pensar n'esse tempo já passado:
 Talvez, o coração alanceado,
 Aquelle beija-flor fosse o teu sonho!

Feliz.

Me dizem que a ventura te foi dada
 E contente tu' alma jamais chora,
 Vives sorrindo à luz de uma alvorada
 E a noite ^{de a noite} para ella i cor d'aurora?

Não creio n'esta dita, ^{sonho,} me perdôa,
 Ninguém na terra pode ser feliz:
 Até o sino que na torre soa
 Com sua dor, nem sempre elle bendiz.

Além; ^{distante...} além... lá pelo Céu voando
 A modular uns hymnos tão suaves
 Tombas aos ceitos lá se vão cantando...
 Quão tu és na ventura d'essas aves?

Repara bem n'aquella que ficou

Pousada há no cimo d'areia,
 Ella chora, coitada, pois deixou
 Muito longe perdida a companheira.

Aves da terra, em tímidos adejos,
 Tambem alegres como as rolas mansas,
 Bostos cerrados, rescendendo beijos,
 Correm cantando bandos de creanças.

E enquanto passa em revoadas loucas
 Esses dourados batalhões de archanjos,
 Eu quero ouvir-te da rissonha bocca
 Se é eterna a ventura d'esses anjos.

Já que tu' alma assim a crei tambem:
 Se te mostrasse o coração a mi',
 Uma creança que perdeu a mãe
 Ouve e responde: que dirias tu'?

Inda affirma esta bocca perfumosa
 Sue ~~no~~ mundo em meio da vertigem
 Alguma coisa ha sempre ditosa:
 A consciencia santa de uma virgem.

As miçõs ⁵ tambem chorã... Aureo cope
 Guarda-lhe os prantos e o martyrio duro,
 E de todas, aquella que mais soffre.
 É' a que tem o coração mais puro.

Somente tu és bem feliz... Já vês:
 Sue, se lutando com tristezas doudas
 Todos soluçãõs, é porque talvez
 Cui nos roubaste as alegrias todas.

Ao Luar

Astros celestes docemente louros
 Girão no espaço em luminoso bando,
 Ouve-se ao longe um violão gemente
 E mais ainda n'um trinar dolente
 Canções serenas ao luar vando.

Quanta tristeza pela noite elosa!
 Quanta saudade pelo Azul boiando!
 Cuida-se ouvir n'um dolorido choro
 As preces tristes de um magoado coro
 De almas penadas ao luar resando.

O Céu parece uma igrejainha antiga,
 Que a Lua branca vai allumianando...
 E estas estrellas muito além das peras,
 São rosas brancas no infinito immeras,

Lonjas bandidas ao luar chorando.

Os pyrilampos pelas montas tristes
Vão cabados e subtilez brilhando...

Sombra de creanças a bailar sombrias,
Illusões mortas de passados dias,
Almas de loucos ao luar passando.

Flocos de nuvens pela Esphera a dejeição
Barcos de neve pelo Azul formando...
Semelhão preces que se vão da terra,
Almas mininosas que este mundo encerra
De creancinhas ao luar sonhando.

Elles parecem também velas brancas
Soltas, a toa, pelo azul vogando...
Seves e tenues, a cores, immensas,
Petalas de lyrios pelo Ar suspensas,

Aves saudosas ao luar chabrando.

Ai! quem me dera ser tambem criança!
 Ai! quem me dera andar tambem vocante!
 Fazet dos astros um barquinho amado,
 V'elle vagar por todo o Céu dourado...
 As minhas dores ao luar cantando!

Desalento .

Quando o meu pensamento se transporta
 Ao praias d'alem-mar,
 Sinto no peito uma tristeza immensa
 Que me manda chorar.

E que vejo morrer uma por uma
 Santas aspirações,
 E voar com os passaros sandosos
 As minhas illusões.

Não julguei que o mundo fosse um tumulo
 De sonhos juvenis,
 Pensando acreditei que aqui era terra
 Podia ser feliz...

Enganei-me - a tristeza que me opprime

O coração em luz,
 Como do Sol o derradeiro raio
 Nos braços de uma Cruz;

A tremula sanidade que entristece
 E faz desfalhar,
 Esta agonia lenta que me inspira
 Desejos de morrer...

Eu me dir que a vida é o desenganho,
 A morte da Ilusão,
 E o mundo uma grande fonte de tristezas
 Sobre o qual o coração

1893

Pagina triste

Al! vem, vem, teu amigo
 Deixa os que te não seguem;
 Bezas em peito amigos
 Lagrimas que te reguem,
 Bezaço em que floresças.

E. Dias.

Ha muita dor por este mundo a fôr,
 Quita lagrima a tôa derramada,
 Quita pranto de mãe angustiada,
 Eue vem sandar e desportos d'aurora!

Alma innocente si de amor escata
 A creancinha a soluzar decora:
 Calvez no berço onde um infante chorava
 Bambom, o' Dor, ta queirasa, desolada,

Esquece um throno, procura guarida...
 Foge do berço! não onagões a vida
 D'est'ave implume, lyrical botão.

Eures um ninho, um sarinhoso abrigo?
 Pois bem! procura-o n'este seio amigo,
 Dentro em minh'alma, aqui no onagão.

Morta

A memoria de minha amiga Laura de S. Balthazar
 A Laura Balthazar

Dos braços da mãe querida
 Desceu Laura a sepultura;
 Morreu na manha da vida
 Criança ainda e tão pura!

Não viu desbrochar-se a alma
 A aurora dos quinze annos,
 Fugiu innocente e calma
 Ao mundo cheio de enganos.

Comem, pobre mariposa!
 O encanto louco das braças,
 Tois na friz de uma louca
 O archanjo não queima as asas.

De todo o shoroo dia

Só nos ficou na lembrança

Como visões fugidia

D' aquella virgem creanga :

Um saizãozinho frumero

Abyerrio de novas d'ores -

Conduzido as emiteris

Como uma cesta de flores.

A' alguém,

Partiu-se o fio branco e delicado
 Dos pontos de minha alma desditosa,
 E as pontas do rosário adormido
 Caíram como folhas de uma rosa.

Debalde eu os procuro lacrymosa,
 Estas doces reliquias do passado,
 Para guardal-as na urna perfumosa,
 No meu seio no cope immaculado.

Ai! se eu ao menos souber se' pudessem
 D'estas contas achar que me fizessem
 Lembrar um mundo de alegrias doudas...

Feliz seria... Mas minha alma attenta
 Emi vôs procura como continha benta:
 Quando partisti ou' as levaste Todas!

Doloras...

Já vão caminho do cemitério
 Meus louros sonhos em visões negras;
 E vão-se todos no azul sideres
 Como uma nuvem de tintineiras.

A noite de hontem fevi chorando
 Todo o passado de meus amores,
 E o dia ainda me achou repando
 No immenso terço de meus dores.

Vejo na vida longo deserto
 Sem doce oasis de salvação;
 Dentro em minh' alma douda, chorosa,
 De pobre moçoq tuberculosa
 Cheio de medo, hemal, incerto,
 Bate com força meu coração.

humana

E assim morrendo, coitada, aos poucos,
 Convulsa e fria, louca de repente,
 Solto suspiros, soluços roncados,
 Olhando as cruzes do Campo santo.

Porque me lembro que muito breve
 Leva-me a elle tanta dor physica..
 E dentro em pouco, branco de neve,
 Verão o esquife da pobre typica.

Cantando...

(o meu irmão H. Custiciano.)

Cão mimosa estrella
 No Céu hontem vi,
 Que minh' alma ao vel-a
 Pensou logo em ti.

Pensou em ti, santo!
 Torcido-a assim vihat...
 Parecia o encanto
 De teu doce olhar.

De teu olhar puro,
 Que cebeu amor!
 Onde o meu futuro
 Vai boiando a flor.

Vai briando a terra
 Sem querer pousar,
 Qual penna que voa
 Suspensa no Ar.

Suspensa voando
 Como um Cherubim
 Que passa cantando
 Pelo Azul sem fim.

Pelo Azul se esconda
 Quem deseja amar
 Qual nuvem ou onda
 No Céu ou no Mar.

No Céu ~~se~~ anota-se
 Ninguém vê o Sol.
 Mas que importa? A Recce

É um rouxinol.

Rouxinol que chora
 Mas sempre a cantar:
 Quando nasce a aurora
 Cambem canta o luar.

Cambem canta amores
 Um'alma sem luz...
 (Nunca viste flores
 Aos pés de uma Cruz?)

Aos pés de Maria
 Como é bom rezar!
 Que esta ambrosia
 Se espalha no Altar!

Se espalha no labio

Sem gosto de fel
O doce resabio
De um favo de mel.

De um favo tão doce
Como o teu olhar,
Pois n'elle encarnou-se
Mimosa a brilhar...

Mimosa e tão clara
A estrella que eu vi!
A luz que me aclara
Quando penso em ti.

Sobre flôr!

Meu-m'a um dia uma antiga companheira
 No meu tempo feliz de adolescente,
 E os meus labios roçarão docemente
 Pelas folhas da nvea feiticeira.

Como se afaga uma illusão primeira,
 Um sonho estremecido e resplendente,
 Eu beijei-lhe a corolla roseadante
 Torda mais do que a flôr da laranja.

Como eu amava-lhe o sedoso brilho!
 Vinha-lhe quasi essa affeição sagrada
 Da joven mãe ao seu primeiro filho.

Dei-lhe no seio uma pousada franca.
 Mas, ai! depressa ella murcheou, coitada!
 Doce e misera flôr cheirosa e branca!

Um sonho.

Quando era calmo... junto, ao pé do altar
 Meu coração rezava docemente...
 E um cisão branco triste a soluçar
 Dizia a flor n'um murmurar dolente:

Vi minha irmã, aqui na solidão
 Como Jesus, sozinho, abandonado...
 Não sente palpitar um coração
 Que lhe traga um sorriso abençoado.

Elle diz: vinde a mim ~~que~~ que chorais
 E o vosso pranto mudarei em flores,
 Eu quero recolher os vossos ais
 No copre onde desganção minhas dores.

Falla Jesus e o mundo nao responde...

O homem ri-se nos salões ruidosos,
 E aqui devida nossa voz esconde
 A magna fúndia dos que vão chorosos. „

Calou-se o cirio e a rosa entristecida
 Entreabrindo o calice perfumado
 Murmurou n'uma prece indefinida
 De mãe que pede pelo filho amado:

„ Eusó o meu leito aqui perto ao Sacrário
 Minha tumba nos braços d'essa Cruz;
 É tão doce subir para o Calvário
 Beijando a terra onde pisou Jesus!

E depois?... Quando a luz te consumir
 Cahirão minhas folhas requiebradas,
 Outros cirios e rosas hão de vir
 Redizer nossas queixas doloridas. „

Assim fallou a roca e desfolhada
 Comou chorando sobre a pedra fria;
 Na pobre vela reduzida ao nada
 Lagrimas apenas no altar se via.

Eu acordiei... Alma tristeza infinda
 Lembrou do sonho a imaginaria dor,
 E do meu leito eu esautara ainda
 Gemer e cirio e soluços a flôr.

1893.

Meu Pai.

Desce meu pai, a noite baixou mansa,
Sem uma nuvem se vê mais no Céu,
Arrebatados-se aqui no peito meu
Onde chorando a negra dor descansa.

Quando morreste eu era bem criança,
Balbuciava sim o nome teu,
Mas d' este rosto santo que morreu
Já não conserve a minima lembrança

A noite é clara... e eu aqui sentada
Cenho medo da Lua embalsamada
Vara-me o frio a alma commovida.

Se lá no Céu também se sofre assim
D' vem sentas-te aqui perto de mim
Cua lençãõ, meu pai, me dá a vida!

Barro Vermelho, 14 de Março de 1911

Boa Noite

Ha quatro dias não re-
cebi a sua carta! Estamos em
suavissima, tempo de caridade, fu-
sta-me ainda esta falta.

Como passa de saúde com
os seus? Eu vou passar de regular-
mente, de uns oito dias para cá.

Depois que você escreveu-me perdi
uns dias bastante aborrecido.

Quando vem por aqui? estou
pensando que não mereço esta

hora. Ante-hontem estive na
beira, em casa do D^o Chaves,
de passar o Batalhão, pensei
muito em você, mas não
foi possível ir vel-a.

Adens. Todos os
meus serviços - the lembranças
e ao Sr^o Mascarenhas e gy
você me recomendará.

Acite muitas saudações
e um beijo da sua

Adens
7-2

P.S. Este soneto é para o "V.
de Setembro." Adens! Adens!

A ti...

Imagem santa que entivejo em sonho
Sempre, sempre a cantar.

Creatura innocente, anjo risinho,
Sue me enenaste a amar;

Men doce amor! Cathandra maviosa
Sue canta dentro em mim...

Minha esperanza timida e formosa,
Men sonho de marfim!

Amarantho de Cio, flor encantada,
Mimico colibri;

Minha asuncena pallida e magoada,
Men mimico bogary...

Gotta de orvalho a tremular n'um lyrio

Eue inda começa a abrir...

O' tu que apagas meu cruel martyrio
E que me fazes rir;

Madresilva entreaberta, lysa de ouro,
Celeste beija-flor;

Minha camelia, meu sorriso louro,
Amor de meu amor;

Guarda estes cantos que só dizem magua
E histórias sem fim...

Veia-os no seio como a gotta d'agua
No calice de um jasmim.

Recuerdo

(4 Chiquinhas Pintadas)

Fundava o mez de Maio envolto em flores
 O doce mez das orações formosas ...
 Saí com elle as encantadas mezes
 Nos perfumes, dos sonhos e das rosas.

Era muito a tardinha, as ^{aves mansas} Sol poente
~~Voavam todas em~~ ^{presença} ~~presença~~ ^{de} ~~de~~ ^{paros} ~~paros~~
~~Em beco de ouro adormecia além...~~
~~Como se fossem virgins de oração~~
~~De passaros finacais docemente,~~
~~Que andassem rindo e percozes os ares!~~
~~Passaro a brua a chilicar também.~~

Eu murmurava ao ver assim quando
 Aquellas aves para os brandos ninhos:
 "Ah! quem me dera só andar cantando
 Sempre criança, como os passarinhos!"

Fim

Comquanto estava n'um lado encantado

A contemplar a route que descia,
 Enquanto preso de um delirio santo
 Todo o meu ser chorava e estremeia;

Vi que chegavas para mim, creanga,
 Vendo nos olhos um lampejo doce,
 E me dizias n'uma voz tão mansa
 Como se o echo de um suspiro fosse:

« Em que te pensas, meu amor do Céu!
 Que magua funda no teu seio existe?
 O mundo inteiro vendo o pesar teu
 Se envolve em sombra e vai ficando triste.

Em que tu scismas? Vês? Até as flôres
 Pedem ao Céu que lhes conceda o orvalho
 Para sentir as tuas grandes dores
 E vão chorando a trêmulas no galho.

Não penses na tristeza ... As tardes bellas
 Levão no seio todos os abrothos ...

Ergue a cabeça e deixa que as estrellas
 Venhão brilhar na fronte de teus olhos.

O que vale na vida um sonho amado!
 O que vale na terra uma illusão!
 Sonha querida, e que este sonho abençoado
 Erga nas azas o teu coração ... »

E te cabaste. Ao longe se extinguia
 Do Sol poente o derradeiro raio.
 Meu Deus! como era triste esta agonia,
 O ultimo adeus do desolado Yaió!

E eu vi descer pelo teu rosto ardente
 Conculso o choro em topicaes fio...
 E tive pena d'este olhar dolente

Eue inda começa a abrir...

O' tu que apagas meu cruel martyrio
E que me fazes rir;

Madresilva entreaberta, lysa de ouro,
Celeste beija-flor;

Minha camelia, meu sorriso louro,
Amor de meu amor;

Guarda estes cantos que só dizem magua
E tristezas sem fim...

Veja-os no seio como a gotta d'agua
No calice de um jasmim.

Requendo

(A Chiquinha Pinturas)

Findava o mez de Maio envolto em flores
 O doce mez das oraçõs formosas ...
 Lãõ com elle as encantadas mezes
 Nos perfumes, dos sorrisos e das rosas.

Era muito a tardinha, as ^{aves mancas} Sol poente
 Voavam todas em ~~primas~~ pares
 Em besos de ouro adormecia além ...
 Como se fossem verginas e anjas
 Os passaros ~~hinavai~~ docemente,
~~Que andassem rindo e percores, os ares!~~
 Passava a brua a chilrear tambem.

Eu murmurava ao ver assim vando
 Aquellas aves para os brandos ninhos:
 "Ah! quem me dera só andar cantando
 Sempre criança como os passarinhos!"

Fim

O engrante estava n'este lido encanto

Banhado em pranto a tiritar de frio...

Syrio Celeste! O pranto de tu' alma
 Foi para mim um raio de Esperança.
 De minhas maguas na tristeza calma
 Elle semelha um arco de alliança.

Veica cahir o teu olhar bendito
 Sobre minha' alma como um pallio aberto...
 Que importa a Dor? Meu coração afflicto
 Vê nos teus olhos um futuro certo.

E quando um dia eu me ausentar da terra
 Quero-te junto a mim triste a chorar...
 A agonia da morte não me aterra
 Se eu vir o Céu na luz de teu olhar,

Minha mãe.

Quantos annos já fazem que morreste,
 O' minha santa mãe estremecida!
 A derradeira e esulchral guarida
 Quantos annos já fazem que duceste!

Bem cédo quiz roubar-te a nosso affecto
 A mão tremente da impiedosa sorte,
 No entanto eu não creio em tua morte
 Anjo celesti, meu amor dilecto!

As vezes qual um' asa negra, escura,
 Foge de mim a sombra da Amargura...
 Mas os meus sonhos de prazer ethereo...

Já não tendo em teu seio um doce abrigo,
 Vão feneceo ao pé de teu jazigo
 Na fria solidão de um cemiterio!

Flôres.

(A Leopoldina e Rosa de V. Monteiro.)

Quando começa a saiar
 O dia cheio de amor,
 Eu gosto de contemplar
 O coração de uma flôr

Desmaiada e tremulante,
 Penderdo triste do galho
 Sendo o pistillo brilhante
 Embalsamado de orvalho:

A rosa só me parece
 Assim tão casta e sem viô,
 Um anjo despedindo peccê,
 Um' alma voadô ao Céu.

Do jasmim puro e mimoso
 A corolla embranquecida
 É como o seio formoso
 De uma criança adormida.

Eu levei inúmeras horas
 A contemplar estas flores,
 As violetas, aurosas,
 Saudades, lindos amores.

Pois como as florinhas bellas
 Eu se embalam docemente,
 Assim pura como ellas
 Vive minha alma contente

Extincto.

Não me perguntes se te amei nem quanto
 meus pobres olhos hão por ti chorado...
 Ah! não queiras saber se foste amado
 Entre sorrisos, se da dor no pranto.

Não queiras não. Eu te adorava tanto,
 Eu o meu amor em tempo já passado
 Maior era que o mundo e tão sagrado
 Como as ondas do Mar sereno e santo.

Hoje não te amo mais. Suero defeito
 Toda um passado que me trouxe ao peito
 Dores eternas, lagrimas sem fim...

Quanto chorei por ti! (to vezes penso
 Que além do Aral talvez o Céu imenso
 Com milhões sem luas não chore assim)!

— Ao meu bom anjo.

Dizem que a vida não é mais que um sonho,

Meu Deus, quero sonhar!

Empresta-me, anjo bom, as tuas asas,
Guarda no seio a minha fronte em braços,
Ensina-me a voar!

Vamos... vamos... assim... fuge comtigo!

Procuramos além um doce abrigo

Na patria dos arcanjos...

A vida é sonho e como um sonho passa:

Pois bem! vamos viver no Céu da graça

Meu Deus, como sou anjo!

Vamos fugir do mundo tenebroso

Sabyrintho de tões...

Mensageiro divino vem somnigo,

Quero sonhar, viver, rezar contigo
No Eden só ha flores!

Minha 'alma - casta róta abandonada -
Desfallece sozinha pela estrada
Não pode mais voar ...

Empresta-me, anjo bom, as tuas asas:
Pinto estalac-me o coração em braças
Cangado de chorar.

Assim voads pelo espaço em fôra
E vendo-me a meu lado a toda a hora,
Quero - fugindo d'este mundo agreste
Unida ao seio teu,
Embalada por ti, anjo celeste, -
Buscar meu ninho pelo azul do céu!

Nunca mais.

..... Il n'est plus dans mon cœur
 Une fibre qui n'ait résonné sa Douleur.
 Lamartine - Harmossies.

Sue é feito de meu sonho, um sonho puro,
 Feito de rosa e feito de alabastro,
 Chimera que brilhava como um astro
 Pela route sem fim do meu futuro!

Sue é feito de meu sonho, o cope aberto
 Sue recebia as perlas de meu pranto;
 Gotas de orvalho, folhas de amarantho,
 Perdidas na evitação do meu deserto!?

Elle passou como uma nuvem passa
 Rozando o Azul em flôr do firmamento...
 Eudo se foi e apenas o tormento
 Sobre minha alma triste inda escorça.

Meu casto sonho! Já se foi cantando
E alveo em busca de uma patria nova...
Deixou-me o coração como uma cora,
E dentro d'elle o meu amor chorando.

Nunca mais voltará. O que lhe importa
Esta morada lugubre e sombria?!
Não pode agasalhar uma alegria
Minh'alma, pobre morta!

Estrada a fóra...

Ella passou por mim toda de preto
 Pela mão conduzindo uma criança...
 E eu enidei ver allá uma esperanza
 E uma saudade em pallido ductto.

Pois quando a perda de um sagrado affecto
 De lastimas esta mulher não cança,
 N'uma alegria desconfiada e mansa
 Passa a criança, o beija flôr inquieto.

E tambem na vida, e gozo e a desventura,
 Laminhão sempre unidos, d mãos dadas,
 E o berço as vezes leva a sepultura...

No Coração, um horto de martyrios!
 Brotão sem fim as illuções douradas,
 Como nas campos desabrochão lyrios.

Pelo passado.

(A M. Tereza & Santo)

Era um dia de Maio... Encheu-se o Templo

De grande multidão:

Mas só rezavam aquelles que querião

A paz do coração.

Eu era d' este numero; ajoelhei-me,

Fiz o signal da Cruz...

Estava muito triste e desejava

Conversar com Jesus.

Ao pé de seu santo Tabernaculo

Comecci a chorar...

Lembrava-me da infancia que fugira

Para nunca voltar.

E repaeu na mente attribulada,

Assim n'essa attitudo,
 Os sonhos lyricos e perfumosos
 De minha juventude.

Porim se e triste labio murmurava
 Sentidas oraçoẽs,
 Eu ouvia o soluço angustiado
 De minhas illusões.

De minhas illusões que se partiaõ,
 Volubtes e chorosas,
 Como os anjos voando d'este mundo
 As plagas luminosas.

E enquanto assim aos pés do Redemptor
 Choviaõ meus lamentos...
 Já no Templo de todo se extinguiu
 A luz dos cirios lentos.

Versos ligeiros

(A' uma moça)

Eu acho tão feiticeira
 A Lourencinha da sequina
 Com o seu recato de freira
 Muito morena e franzina;

Sue fies toda encantada
 Quando na Igreja a contemplo,
 Pois cuido ver uma fada
 Ajoelhada no Cemplo.

Poço murmurar cor de rosa
 Parece que a Deus se eleva,
 D'aquella bocca mimosa,
 D'aquelle olhar cor de treva.

É sua prece que voad,

Indefinida e tão mansa,
Como um hymno que se canta,
Como uma voz de criança.

A trança de seu cabelo,
(Como ella é negra, Jesus!)
Semelha um lindo novello
Cão fute que já reluz.

Com a boquinha vermelha
Como uma rosa entrecabrindo ...
(É um favo de mel de abelha
Aquella bocca sorrindo.)

É a mim o que mais encanta
É o ceceo de sua voz:
Parece ter na garganta
Um bando de rouxinóis.

Minha alma nunca se cansa
 De vê-la assim tão divina,
 Sempre formosa e criança
 Com o seu perfil de menina.

As vezes eu olho-a tanto,
 Com tanta veneração,
 Que fico muda de espanto
 Depois da contemplação.

É verdade que não faz
 Mal nenhum se a fito assim...
 Mas, Deus! se eu fosse rapaz
 O que dirião de mim?!...

Bemditá.

Bemditá sejas, minha Mãe, bemditá
 Seja o teu virgimaculado e santo
 Onde derrama as gottas de seu pranto
 Meu dolorido coração afflicto.

O' minha Mãe, ó anjo sacrosanto,
 Bemdito seja o teu amor, bemdito!
 Ouve do Céo o amargurado grito
 Cheio de dor de quem soluça tanto.

E deica que seponha em teus joelhos
 A minha fronte ouvindo os teus conselhos
 Longe do mundo, ó sempiterna dita!

Envia lá do Céo no teu sorriso
 A morte que levou-te ao Paraíso...
 Bemditá sejas, minha Mãe, bemditá!

28
Poemeto.

Dadá tinha um filhinho muito louro,
Cão louro como um raio de luar ...
Aquella creancinha era o thezouro
O encanto abençoado de seu lar.

Dadá amava-o tanto que no mundo
Su' alma em coisa alguma achava brilho,
Tudo alterava ^{aquele} ~~he~~ & amor profundo:
So' via o berço onde ^{sonhava} dormia o filho.

Quanto cuidado e que affeição tão santa!
A arca onde ^{huncou} de dia elle corria
Se ella podesse, (ah! se não fosse tanta!)
Morrer dentro do nio a guardaria.

Pesejava que a Terra fosse um ninho

Habitado por ella e os seus amores,
 Sueria ainda que o formoso anjinho
 Só visse o Céu e só pisasse em flores.

Pois se elle era o sorriso de seus olhos
 Desde que o esposo para ^{Além} se fóra,
 Se era a luz que surgia entre os abrochos
 De su' alma tristonha e soffredora!...

Sorindo a mãe dizia olhando a terra
 E o casto ~~recorrido~~ manto azul de lá do Céu:
 «Sois muito lindos, mas nenhuma encerra
 Coisa mais linda do que o filho meu.»

E tinha bem razão... O seu Saurinho
 Aquella creatura tão franzina!
 Guardava lyrios brancos no rostinho,
 E uma rosa na bocca pequerrima.

Não consentia que elle um só minuto
 No ^{curador} regaço materno, se afastasse...
 - Era um contraste o seu pesado luto
 A'alvina virginal d'aquella face! -

E se, ás vezes, a garrula criança
 Disparava a correr jardim a fóra,
 Wáda pensava que sua esperança
 Sa fugindo ou que morria a aurora...

Então ^{seismava} chorava (cheia de recuo
 Como se o seu filhinho mais não visse;
 E, se o alcançava, comprimia-o ao seio
 Bemerosa que ainda lhe fugisse.

Se elle morresse o que seria d'ella:
 Wáda cuidava ás vezes tristemente. -

Se essa criança era como ~~uma~~ ^{estrela}
~~Se elle era p'ra~~ ~~su'alma~~ ~~como~~ ~~a~~ ~~estrela~~
 Sua quiava os reis Magos no Oriente?

Ficaria rosinha, pobre mãe!
 Chorando o louro anjinho estremecido?
 Oh! não! mil vezes não! ella tambem
 iria atraz do filho tão querido.



E entre esperanças e temores francos
 Lauro crescia cada vez mais lindo;
 Quando ^{fallava} ~~veria~~ os seus dentinhos brancos
 Lembrava' a gente um boçari abríndo.



Um dia ao acordar Lauro queixou-se
 De que o corpinho todo lhe doia ...
 A mãe cercou-o de um carinho doce,

Que seu filhinho de que soffreria?

E elle chorava que fazia pena
 N'aquella alegre e limpida manhã
 Pallida a face como uma assucena
 E o rossi labio a murmurar: mamá!

Dada beijava aquella mão querida,
 Os pés e o rosto e todo o ^{peito} corpo e a bocca...
 Queria ver se lhe incutia a vida
 N'aquelles beijos que lhe dava, Louca!

O triste pobrecinho soluçava
 Entre as caricias do materno affago,
 E em seus olhos a morte esvoaçava
 Como uma pomba a terra azul de um lago.

E antes do Sol pender para o ^{horizo} horizonte

O Cherubim cessava de existir ...
 E alguém ainda lhe oulvara a fronte?
 Era Wadai a solucar e a rid?

Estava louca. D'ora em diante a vida
 Sue lhe traria ao ninho ~~o~~ ^{seu} deserto?
 Sauro morrera... branca flôr pendida
 Combara murcha n' um esquispe aberto!

Elha bem vira quando carregaram
 O meigo archanjo dentro de um saião...
 Minas cruéis! No seio th'o arancaram
 E com elle tambem seu coração.

∴

Ha muitos annos que isto succedeu
 E, entretanto, o que da morte a salva,
 E' que Wadai quando contempla o Céo
 Diz que seu filho está na estella d'elha.

Jesús.

(~~De~~ Emilia Maria ~~Blues~~ Guerra)

Eu vos adoro, ó Salvador bendito,
 Expirando no cimo do Calvario
 Sobre a Cruz, negro leito mortuario
 Sue vos ~~dera~~ dera um povo ruim, maldito!

Parcei que vos vejo soluçando
 Lutando com as dores da agonia,
 Ao passo que no arce da telegria
 Gaitava aquella turba delirante:

"Ó filho de Deus! desce e nós cremos,
 Salvo-te: si assim, abraçaremos
 essa estranha doutrina que pregaste"

Ouro então que exclamais amargurado
 Nos braços d'esta Cruz, throno sagrado
 Meu Pai, meu Pai, porque me abandonaste!"

A' ...

Eu fizeste de meu peito,
 O' meu anjo, o' meu amor!
 Um ninho vasto e desfeito,
 Um santuario de dor.

Desfolhaste a santa criança
 Que eu tinha no coração
 Envolvete em treva immensa
 A minha doce illusão.

Meu peito e' hoje deserto
 Qual uma cela de monge,
 Vivendo de ti tão perto
 Parece que está bem longe.

E tu deixaste isolado

Meu sei nã de esperanças,
Como um ninho abandonado,
Uma casa sem escanças.

Por isso quero voar
Além, muito além, além...
P'ra ver se acho um lugar
Onde não veja ninguém.

Calvez então eu chorasse
Vivendo longe de ti,
Mas que tinha se encontrasse
A paz que fugiu-me aqui?

Vou sepultar dentro d'alma
A historia do meu amor;
Quero só viver em calma
Embalando minha dor.

Mais vale sem peito magoado,
Chorando soffrer a só,
Eue ver o ente adorado
Passar xombando de nós.

A memoria de uma ave.

Quando morre uma criança
 Se diz que o pallido anjinho,
 Voou como uma esperanza,
 Foi para o Céu direitinho.

Mas nossa mente se cança
 A voar de ninho em ninho
 Interrogando a lembrança
 Quando morre um passarinho.

So' eu se alguém diz que a vida
 He uma avessinha querida
 Se extingue como um clarão:

Ponho-me a ris fôris, divina,
 Quero cantar em surdina
 Tu' alma em meu coração.

Na Judéa

(Imitando a Transfiguração de J. Cristo.)

Vinha Jesus no olhar o azul doce das mares
E no cabello louro os raios estrellares.

No seu sorriso em flor alguma coisa havia
Nos beijos virginaes dos labios de Maria.

Seu passo era tão leve e sua voz tão mansa
Como deve ser leve um sonho de criança.

Elle vinha do Céu dizer ao mundo inteiro:
"Eu sou filho de Deus, Messias verdadeiro."

O povo soluçava ouvindo a voz dolente
Do pallido Jesus, tão doce e paciente!

E Maria tambem, lembrando a prophesia
 No velho semeão, da espada da agonia;

Soluçava de dor fitando os olhos castos
 No rosto de seu filho, em seus cabellos bastos.

Mas Jesus a sorrir fallava a turba immensa,
 Silenciosa a escutar de sua voz suspensa;

E a palavra de luz em seus labios descia,
 Como o pranto de dor nos olhos de Maria.

Visita a um túmulo

(A minha boa tia M.^a Concordia de Souza.)
(1893)

Quando fui ver o pallido jazigo
Onde dormem os restos de meus pais,
O dia começava a entristecer-se,
Ya marchavão as flores divinas ...
E a brisa que soprava leve e fria
Annunciava a morte que desceia.

Senti apoderar-se de minha alma
Uma magua profunda e dolorosa,
Havia alguma coisa de solenne
N'aquella atmosphera vaporosa ...
E eu senti que a vida me fugia
Na luz ethereal que além morria.

Quando chegar ao pé da Igreja entrei

Pela porta que então mostrou-me abrigo,
 O Sol embalado em leito de ouro
 Parecia chorar também comigo ...
 E descia e descia p'ra o Poente
 Olhando as tristes brumas do Oriente.

Apilhei-me então perto da louca,
 N'ella pousei os lábios convulsivos ...
 Ai! a doce piaz d'aquella campaa
 Em mim achava echos expressivos ...
 Era tão fria em sua santa calma
 Sue me gelou todas as fibras d'alma.

É rezei pelas duas vidas justas
 Sue alli dormião o somno derradeiro:
 Minha mãe! um'alma crystallina!
 Meu pai! um actio que passou lignis!
 E chorei porque veio-me a lembrança

Doos beijos que me deuão em creança.

Ah! se eu pudesse recetar ainda
 No seio maternal a minha fronte
 E rever através de uns olhos ternos
 A aurora de um rutilo horizonte ...
 Eu seria feliz como em pequena
 Quando esta vida me sorria amena.

Com os olhos molhados da saudade
 Seu me partia o coração de dor,
 Foi que deixei o derradeiro ninho
 De quem na vida só me teve amor.
 Lá no Céu já sorrião peregrinas
 As primeiras estrellas vespertinas.

E fui-me a caminhar entristecida,
 Enquanto as auras n'um choro afflicto,

Vinhão de longe, das azuladas plagas,
Na solidão immensa do Infinito
Coraçãe-me - como os astros soluçavaõ! -
A saudade dos mortos que choravaõ.

No Mar.

Hordem a tarde ao pé de ti sentada
 Eu pus-me a contemplar-te, ó mar bravo!
 Pensava que acolhida em tuas ondas
 Talvez minha alma não tivesse frio!

Contei-te uma por uma as cruas dores
 Da minha vida toda de saudade,
 Eui afogar as minhas magoas furdas
 No lito azul de tua immensidade.

Como seria bom morrer ahí,
 Moça, innocente, tendo n' alma um flôr,
 Um mundo virgem de sagradas orações
 Todo banhado no ideal do Amor!

Me darias então a sepultura

Nestas espumas, murmurosas, bellas,
 É a route, se mirando em tuas aguas,
 Me cobriria o Céu de mil estrellas.

Ao pé de ti, como um soluço brando,
 Sinto fugir-me, pouco a pouco, a vida...
 Chorai vagas, por mim! dobrai finados
 Bem como os sinos de riveirinha umida!

No mausoléu angusto do Oceano
 De outros dores minha alma não precisa;
 Por supplica mortuaria só desejo
 O soluço do vento que desliza.

Ao menos, eu ahí esqueceria
 A atroz desillusão que me devorou,
 E num instante seria satisfeita
 Como uma flôr ao despontar d'aurora.

Dezembro - 1898

Quadras

Archango! este choro teu
 Faz reviver meu amor
 Como o sereno do Céu
 Cabindo sobre uma flor.

É como a flor destinada
 A não viver nem um dia,
 Bendiz a gotta nevada
 Que, lá do Céu, Deus envia...

Eu presa do mesmo encanto
 Nesta tristeza na calma,
 Também abençoô o pranto
 Que vem do Céu de tu' alma.

Magoas.

No teu olhar cheio da luz chorosa
 Que envolve o Espaço quando a tarde expira,
 Boia uma doce magua lacrymosa,
 Uma saudade indefinida gysa ...

Suum dera que eu souberes, flor do Céu!
 Porque a tristeza nos teus olhos geme ...
 Mas... não sabes dizer onde nasceu
 A gotta branca que em teu cílio trema?

Embora affirmes que não tem começo
 A dor sem fim que no teu seio existe,
 Suaves, porém, se muito bem conheço,
 Fazeres crêr que já nasceste triste.

E fallas a sorrir: « Essa dolente

Criseteza amarga que me empana o olhar,
 É como a onda que chora eternamente
 E jamais pode se afastar do Mar...

Mas, se então fito-te a carminea bocca
 E vejo rubro um labio que sorrí,
 Logo me vem uma incerteza buca
 A mente e ao coração, se és tu quem sê.

Pois é tão mansa a chamma d'estes olhos
 Emvolto na caricia do sorriso,
 Sees ou penso que teus cilios são abrolhos,
 Abrolhos rodeando um paraíso.

Hoje.

Fiz annos hoje... quero ver agora
 Se este soffrer que me atormenta tanto,
 Me não deica lembrar, a paz, o encanto,
 A doce luz de meu viver de out'ora.

Éas moça ainda eu não conheço aurosa,
 Foge-me a vida no correr do pranto...
 É, como a nota que despede um canto
 Perdida evaa-se pelo espaço em fôra...

Voa minha alma as plagas do Passado
 Em busca ainda d'esse ninho amado
 Onde risonha descansou em nêdo...

Mas, qual! A sorte caprichosa, esgubal,
 Mata-me sempre no fatal degnado...
 Minha ventura só durou um dia!

Meu coração.

Meu coração é como a noite escura
 Cercada só de dores adormidas,
 É como um negro tumulto vasto
 Onde repousam esperanças idas.

Meu coração é como a folha murcha
 Que o vento frio desligou da flor,
 É como um ave que se vê sem vida,
 Sem lar, sem pão, sem vida e sem amor.

Meu coração é como a nota triste
 Que se evola dos sinos magoados,
 Quando da Igreja nas suenas torres
 A gemet, a gemet, dobrão finados.

Meu coração é como a nuvem negra

Está sobre a terra nas manhãs geladas,
É uma pallida andorinha morta
N'um leito frio de illusões passadas

1893

A volta do sertão

É tempo de voltar. O inverno finda
 E as arecinhas se mudando estão ...
 É preciso deixar a terra linda,
 As singellas casinhas do sertão.

É forçoso partir, embora ainda
 Sintá estalar de dor o coração,
 É a alma cheia de saudade infinda
 Sozinha chore com triste solidão.

Vamos meu peito não soluces tanto ...
 Oculta bem o teu sentimento pranto,
 Não tenhas pena de quem fica aqui.

Olha, amanhã, quando inda fores perto,
 Alguém contente sorrirá de certo
 E nem sequer se lembrará de ti!

No album de Dolores.

Escuta-me bem, Dolores,
 Não queiras meu nome aqui:
 Elle não é colibri
 Para viver entre flores.

Cu' alma, irmã de Jesus,
 Como consente ficar
 Sobre a mesa de um altar
 Um pobre cirio sem luz?

Meu triste nome chovoso
 Em uma outra habitação:
 Guarda-o no teu coração,
 Lyrio celeste e formoso!

Risga esta folha, Dolores,

Não deixes meu nome ali;
Elle não é colibri
Para viver entre flores.

Força do destino

Minh' alma trema como a mariposa
Que se atira na chamma, allucinada...
De cada vez que o meu olhar se pousa
Nos olhos tuos, ó creatura amada!

E em vez da sombra onde o olhar se pousa
Buscar, fugindo ao fogo que devora,
Minh' alma louca como a mariposa
Se atira mais na chamma que a enamora!

Melancolia.

Sinto no peito o coração bater
 Com tanta força que me causa medo;
 Será a Morte, meu Deus? Mas é tão cedo
 Deixai-me indo viver.

Cundo corri por este campo em flôr,
 - O Amor e a Luz vão pelo lóu boiando -
 Se' eu vagueio a suspirar chorando
 Sem Luz e sem Amor.

Sufocando sempre com uma dôr cruel,
 Cheia de tédio e desespero as vezes,
 Minha alma fã tragou até as fezes
 O calice de fel.

É o coração no seio a palpitax

N'uma agonia de quem não tem crença

Pulsa com a força indefinida, immanca,

Das vagalhões no mar.

Melancolia

Sinto no peito o coração bater
 Com tanta força que me causa medo;
 Será a Morte, meu Deus? Mas é tão cedo
 Queixai-me inda viver.

Quando sorri por este campo em flor,
 - O Arroz e a Luz vão pelo Céu boiando -
 Só eu vagueio a suspirar chorando
 Sem Luz e sem Arroz.

Sufocando sempre com uma dor cruel,
 Cheia de tédio e desespero os versos,
 Minha alma já trouxe até as fezes
 O calice de fel.

É o coração no seio a palpitar

Numa agonia de quem não tem crença

Pulsa com a força indefinida, immanca,

Deos vagalhão no mar.

pelos pobresinhos .

(1893)

O' mães celestias, puras, formosas,
 Tombas sem fel, virgineos corações!
 Ouvi o grito forte e soluçante
 Sue dos folainos aques, qual astro errante,
 Vem despertar divinas commoções.

E' o extremo soluço de Maria,
 O grito agudo de Jesus pequenos,
 Elles implorão a compaixão dos crentes
 Para estes pobres, pequeninos entes,
 Para as crianças de souir amens.

Abri o peito aos puros sentimentos,
 Almas de luz, o' creaturas mansas,
 Beijai os ternos frontes cõr de rosa
 E mangai a lagrima perfumosa

Sue pela face rola das meangas.

Ouve, ó Mães, o choro angustiado
 Na creancinha que vos vem pedir,
 Em nome do filhinho, casto, amado,
 O louro anjinho, branco, immaculado,
 Sue em vossa seio se agasalha a vit.

E vós, ó virgens, que aprendestes meigas,
 Os bons e doces pensamentos saõs;
 Não recuseis a vossa semola pura
 A pequenina e santa creatura
 Sue vos estende as descarnadas mãos.

E vós também, ó louras creancinhas,
 Vós que sonhais as illusões sem fim.
 Vós que do mundo a dor não conheceis
 E que sorrindo ainda adormeceis

Seus pequeninos.

(1893)

O' mãs celestias, puras, formosas,
 Tombas sem fel, virgineos coraçõs!
 Ouvi o grito forte e soluçante
 Sue dos plaios azues, qual astro errante,
 Veni despertar divinas commoçõs.

E' o estremo soluço de Maria,
 O grito agudo de Jesus pequeno,
 Elles implorãõ a compaiacão dos crentes
 Para estes pobres, pequeninos entes,
 Para as crianças de sorris amenos.

Abri o peito aos puros sentimentos,
 Almas de luz, e' creaturas mansas,
 Beijai as ternas fontes cõt de rosa
 E envergai a lagrima perfumosa

Sue pela face rola das meangas.

Ouve, o Mãe, o choro angustiado
Da creancinha que vos vem pedir,
Com nome de filhinho, casto, amado,
O touro anginho, branco, immaculado,
Sue em vossa seio se agasalha a si.

E vós, o virgens, que aprendestes meigas,
Os bons e doces pensamentos são;
Não recuseis a vossa esmola pura
A pequenina e santa creatura
Sue vos estende as descarnadas mãos.

E vós também, o loucas creancinhas,
Vós que sonhais as illusões sem fim.
Vós que do mundo a dor não conheceis
E que sorrindo ainda adormeceis

Em lindos bergeos, todos de setim :

Pedi, pedi, por vossas imansinhas

As pobres innocentes creancinhas.

A noiva.

Ella chegou da Igreja. Vagarosa
 Vai ao braço do noivo conversando ...
 Grave, sôa a orchestra acompanhando
 Uma dança febril e languorosa.

E a noiva passa assim, casta e nervosa,
 A cabecinha pallida inclinando ...
 Na capella uma flôr vem revolando
 Pela macia fronte perfumosa.

Suor tiral-a, e, levando a mão ao rosto,
 Sente-se presa de infantil desgosto
 E fita sua mãe cheia de amor.

Ah! fôra ella que, tremula, divina,
 Beijando-lhe a mãozinha alabastina
 A grinalda lhe atara aquella flôr.

No cemiterio.

Não despertéis aquelles que aqui dormem
 A sombra do syrreste solitario;
 Respeitai a madre dos que se foram
 E descançam no leito mortuario.

Não deveis rir aonde os mortos chorão
 E as campas são cobertas de saudade.
 Não deveis olhar com indifferença
 As pallidas grinaldas da amizade.

Aqui, repousa a virgem descuidosa
 Que morreu na vigilia do noivado;
 Bem perto dorme a loira creancinha,
 O somno derradeiro e immaculado.

Ah! descança a mãe estremecida

E o filho sobre a campa se debruça ...
 A dois passos, no tumulto do sepas,
 Reza a pobre viuva que soluzga.

E os finados escutam os gemidos
 Nos entes que adoraraõ sobre a terra,
 Elles sabem agonia de um suspiro
 A dor profunda que uma magua encerra.

Choremos, sim... choremos... bestas loucas
 Escutam rectos de quem soube amar.
 De joelhos oremos sobre os tumulos
 Como se reza junto de um altar.

2 - 11 - 93.

* * *

Vem explicar-me uma cousa,
 Criança doce e formosa,
 Porque occultas ao ver-me
 A tua face mimosa?

E, se te olho porque mudas
 A vista depressa assim?
 Não te fiço com maldade
 Anjo, não corras de mim.

Acaso te aborreci
 Suero me digas em que,
 E se não, criança louca,
 Porque me foges, porque?

Ou que não tenes os maãos,

Sue desafia os céus,
Será possível que temas
Fitas tens olhos nos meus?

Porque me odeias criança,
Porque me foges, porque!
Acaso te aborreci?

Dize-me, dize-me em que.

Dezembro de 94.

Vem explicar-me uma coisa,
 Criança doce e formosa,
 Porque occultas ao ver-me
 A tua face mimosa?

E, se te olho porque mudas
 A vista depressa assim?
 Não te fito com maldade
 Anjo, não corras de mim.

Acaso te aborreço
 Suero ou me digas em que,
 E se não, criança louca,
 Porque me foges, porque?

Eu que não temes os meus,

Em desafios ao céu,
Será possível que temas
Ficar teus olhos nos meus?

Porque me odeias criança,
Porque me foges, porque?
Acaso te aborreci?
Dize-me, dize-me em que.

Dezembro de 84.

Reminiscencia.

Restea de sol do meu amor desfeito
 Vim aclarar o meu viver sombrio;
 Meu coração, um ave que tem frio,
 Pede chorando o ninho de teu peito.

O pobrinho triste e contrafeito
 Voga de pranto no nevado rio....
 Me suas illusões o rocco fio
 Achou partido, em estilhaços feito.

Como elle trema sem achar abrigo!
 A luz procura d'este olhar amigo,
 Aquece o triste contra o seio teu...

Mas não! Lembreta-me: o teu amor é morto!
 Não quero mais que tu me dês conforto...
 - Eu tenho medo de quem já morreu...

O coração e o beijo.

Meu coração chorava e eu lhe dizia:
 - Porque choras assim, como criança?
 E o triste a soluços me respondia:
 Ninguém pode viver sem Esperança.

Resta-te a Fé. - et Fé? Mas o que é d'ella
 Sem da Esperança as illuções serenas?
 Um Céu a morte sem nenhuma estrella,
 Um' alma em flôr sem um sorriso apenas...

- Mas tens a Caridade. - A Caridade!
 Ah! sim! o vinho que embriaga a dor.
 Mas eu não amo ... Pois não é verdade
 Que a Caridade é o que se chama Amor? -

N'isto passava uma criança linda,

Botão de lysio, immaculado e santo...
 Meu coração que soluçava ainda
 Sorriu ao ver o gracioso encanto.

É foi beijar-lhe os pequeninos lábios,
 - Pet'las de rosa abrindo de manhã -
 Onde adejavão, cerulos recabios
 Dos beijos de uma mãe ou de uma irmã.

Comprehendem então o desolado,
 A linguagem sublime de um harpejo:
 N'este mundo de dóres povoado
 A caridade pode estar n'um beijo.

A monja.

Castá e divina, immensamente pura,
 Quando ella passa tão modesta e esguia,
 Nos traz a mente a imagem rediuvia
 De alguma santa na edenica planura.

O mundo inteiro si' nos assegura
 Que a moça freisa se sepulta viva ...
 - Será porque da vida a gloria attiva
 Troca por celloa pequenina e secura? -

- Não! Quando ella ora e a cabecinha bella
 Nos mostra o rosto digno de uma tela
 É do pencil angelical de Rubens....

Su' alma branca na de Deus se uninha,
 Longe da terra e da paicão mesquinha
 O coração da monja é um Céu sem nuvens.

A trança

(A Elvira)

A linda trança dourada
 Sue eu vi Domingo a noitinha,
 Guardava a maciez amada
 Das penas de uma andorinha.

Parecia uma Esperança
 Bordada com fios de ouro ...
 — O' doce e mimosa trança,
 Meu raio de sol tão louro! —

Ventura, sonhos, alegria,
 Tudo se resume ali ...
 Para tees serviria
 O ninho de um colibri.

Era já noite e no entanto
 A loura madeixa olhando,
 Cuidei que cheio de encanto
 O dia vinha saíndo.

Deus fêz-a n'uma redoma,
 De beijos, de luz, de amor;
 E deu-lhe o sagrado aroma
 Da madre-silva inda em flor.

Ah! sobre aquelles risinhos,
 Dourados, macios folhos,
 Quem dera em balas meus sonhos,
 Quem dera cerrar meus olhos!

Página azul

(A Liberdade Rosa)

No país de mimh'árvore ha um rio em magua,
Um rio chivo de ouro e de tanta harmonia...
Ese se cuida escutar no marulhar das aguas
No sussuro de um beijo a doce melodia.

Este rio é o meu serho, um serho azul e puro,
Como um canto do Ceo, como um braço de Mar,
Loura restia de Sol a rebrilhar no escuro,
Esta luz que scintilla em torno de um altar.

De um altar que palpita e que soffre e que sorri,
Soletando a cantar a linguaçom do Amor...
No altar do coração, a paisagem risorha
Onde nassem sorrindo as illusões em flor.

Verre beber, meu amor, n'este rio que é fonte,

É fonte de Esperança e lago de Chimera ...
Vem encostado n' um paiz que não tem horizonte,
Queda não chora o Inverno e eis lá Primavera.

No clarão da lua.

(A meu irmão Eloy Castilho)

O lyrio

É nas alturas, modesta e brava,

No Céu imenso na face nua...

A lua branca todo o azul doua...

A nuvem

Ah! se eu pudesse rolar-me em lua!

O perfume

É aquella estrella tão pequenina

Sua mal a gente consegue vê-la,

Como scintilla, casta e divina!

A lua

Ah! quem me dera ser uma estrella!

A nuvem

O lyrio branco chito de ovalho
Ollhando a lua em triste pallor,
Formoso e triste keme no galho ...

A estella

Ah! quem me dera ~~ser uma flor!~~

O Cio

Perfume doce boia nos ares ...
Virá nas azas de um vagalume?
Será da terra? Será dos mares?

O ovalho

Ah! quem me dera ser o perfume!

O pyrilampe

A nuvem manca no azul reparea
Voa depressa como a pennugem
Solta das azas de alguma garga...

O lyrio

Ah! quem me dira ~~se~~ como a nuvem!

O Poeta

Como instrumento suspira ao longe
 e' uma cadencia melodiosa....

Sera' na cella piedoso monge?

A criança (sonhando)

Ah! quem me dira ~~se~~ uma rosa!

A noite

O sonho vive dentro em meu seio,
 Garrulo e miigo, doce e risinho,
 Cheio de luz e de aurora cheio...

O perfume

Ah! quem me dira ~~se~~ como o sonho!

A madrugada

Ouvem! As aves ja' vem cantando!

As estrellinhas tomam seu vô ...

É tempo de irmos também chegando

O coração

Ah! quem me dirá subido ao Céu!

Resando.

Roses menino
 Feito de luz.
 Seryo divino,
 Santo Jesus!

Pobre innocente,
 Branco jasmim.
 Meu cravo dante
 Cór de marfim.

Entre as palhinhas,
 Pequeno amor:
 Das creancinhas
 Eu és a flor.

Cabello branco,
 Olhos azues:
 És meu thezouro,
 Manco yvens!

Estrelta pura,
 Santo pharol...
 Flôr de candura,
 Raio de Sol...

Dá-me a esperanza
 N'um teu olhar...
 Soura escanga
 Me ensina a amar.

Sonho formoso
 Cheio de luz,

Jesus piedoso,
 Meu bom Jesus;

Como eu te adoro,
 Pequeno assim!
 Jesus, eu choro
 Com do' de mim.

No doce encanto
 De um riso teu,
 Jesus tão santo!
 Leva-me ao Céu.

Em ti espero...
 Mostra-me a luz...
 Leva-me, eu quero
 Ce. ver Jesus!

Agonia do Coração

« Estrellas fulgem da noite em meio
Sombreados céus loiros a ardet...

E eu tenho a treva dentro do sei...

~~Delas vos cantam!~~ ~~eu vou morrer~~...

Astros! ~~delas~~ ~~vos~~, ~~que~~ ~~eu~~ ~~vou~~ ~~morrer~~!

No longe cantam... São almas puras

Cantando ~~as~~ ~~vozes~~ ~~de~~ ~~adormecet~~...

O rocho triste sobe as alturas...

Mogas! não cantem, que eu vou morrer!

As mães embolam o berço amigos

Doe a esperança de eu viver...

Eu eu vou ~~vos~~ ~~sinkon~~ ~~partido~~ ~~de~~ ~~paiz~~!

Chorai, crianças! que eu vou morrer!

Passaros tremem no jardim ~~de~~
 Pedindo a graça do alvorecer...
 Em que ~~arte~~ ^{em parte} ~~partido~~ desfeito em pranto
 Aves! suspirem, que eu vou morrer!

De lá do campo cheio de rosas
 Vem um perfume de intonteced...
 Meu Deus! que maguas são dolorosas...
 Flores! fechaí vos, que eu vou morrer!

A' luz de teu olhar.

Toda me ligros, oha-me somente.
J. Guimarães junior

Cheios de terra e luz teus olhos tem a cõr
Das noites sem luas, viciu promettido amor!
E um anno tanto a sombra e o brilho doce e puro
Apes grandes olhos teus, s' luz de meu futuro!
Como adora minha oluna os nestelos clarões
No bando virginal de suas illusões.

Não vê? E' noite e o Céu nos mostra tanta luz
Sua olhando para cima eu ouido que Jesus
As estrellas formou de lucidos novellos
Das raias ideias do sol de seus cabellos...
E assim no teu olhar, tão negro meu jardim!
Uma estrella se fez do nosso amor em fim.

Peixa brilhar a estrella, a estrella bona e mansa,

A' luz de teu olhar.

Toda me ligas, olha-me somente.
L. Guimarães junior

Cheiros de treva e luz teus olhos tem a eir
Das noites sem luas, meu promettido amor!
E em amo tanto a sombra e o brilho do e pens
Após grandes olhos teus, s' luz de meu futuro!
Como adora minha alma os rutilos clarões
Do bando virginal de suas illusões.

Não vêes? E' noite e o Céu nos mostra tanta luz
Que olhando para cima eu oudo que Jesus
As estrellas formou de lucidos novellos
Das espigas ideias do sol de seus cabellos...
E assim no teu olhar, não negro meu jardim!
Uma estella se fez do nosso amor em fim.

Peixa bulhar a estellas, a estella bona e onare,

Eu nos ha de guiar a patria da Esperanza.

Olha-me sempre assim... no teu olhar formoso,
 Minha mente e meu sol, e' Chumbim piedoso!

Eu quero ver a tua, eu quero ver boia,
 Como se fosse um lago e teu sorriso olhar,

Vedo um mundo sem fim de sonhos e choro,
 Lyrico desabrochando ao sol da Primavera.

Lydia

(A' voltar d. de Albuquerque Hellos.)

Feliz de quem se vai na tua idade,
 Humana aquelle que não está na vida
 E não pensa sequer na mãe querida
 Que te contempla cheia de saudade.

Tôbre adorada! Se alegras quem hade
 Com a tua sorte, rosa empalbecida!
 Branca acucena inda em botões calida
 O que izás tã fazes na eternidade?

Foges da terra em busca de venturas?
 Mas, meu amor, se conseguires tet-as
 De certo não serás nas sepulturas...

Sisa entre nós, irmã das andorinhas,
 Queus fez do Céu, a patria das estellas
 De olhar das mãs o Cé das ceaninhas.

~~A' Jureta~~

O' moça triqueira

Nos olhos escuros,

Tão lindos, tão puros,

Sua mente faz queira!

Crianga morena, parca não

Tens olhos rasgados

São céus estrellados

Em noite serena!

Que doces encantos

No brilho fulgente,

No brilho dolente

De teus olhos santos!

É eu viva adorado

Quinze firmes,

O bilha radiceo

... Eae dno. uterradiceo. d. d. d.

... Eae dno. uterradiceo. d. d. d.

... Eae dno. uterradiceo. d. d. d.

... Eae dno. uterradiceo. d. d. d.

O' flor das moedas!

~~de ...~~

.....
 (segunda de ...)
 E um buca das nuvens bellas
 Fosse meu sardo a ...
 Meu sonho era das ...
 Meu sonho era do ...
 ...

...
 ...
 ...
 ...
 ...
 ...
 ...
 ...
 ...
 ...

Na Capelinha.
 (Sombreira do collegio)

... .. Entrou na Igreja sorrindo
 Coberta com um fino véo...
 E seu rosto era tão lindo
 Como o da Virgem do Céu.

Foi ajoelhar-se com fé
 Ao pé do sagrado altar
 E com piedade infinita
 Pimpiçou a rezar...

Um doce sorriso veio
 Brincar-lhe a boca ^{de} luz...
 Uniu as mãos sobre o seio,
 Fitou os olhos na Cruz...

O que dizia? Alguem pode
Adivinhar o que diz

A prece que se lê no arde
E quantos a gente é feliz?

É aquella idade p'ra que
Se reza... (saberei eu?)

A gente reza porque
Cambem se reza no Céu.

E ella tão enigma e tão pura
Que não conhecia o mal

Ea que guardava a ventura
No coração virginal...

Ita ma fé de criança
Ingenha e cheia de amor,

Calor pedisse a esperança

Para os que vivem na dor.

Calor pedisse um sorriso

Para quem vive a chorar,

É a gloria do Paraíso

Pra quem não sabe rezar ...

É remigante o talis gusido

Orava piedoso assim ...

No negro olhar commovido

O prante rolou por fim.

O deslucão non calma

As lagrimas por sua tez,

Com o desconsolo de um 'almo

Sua chora a primeira voz.

Su' alma fuma verde morão

A luz, a innocencia e o bem,
 Lidando pelos que chorão
 Foi soluzando tambem.

E comprehendendo o segredo
 D'aquella santa emoção
 Eu disse baixinho, a mudo,
 Fallando a meu coração.

Bemditos nós que soffremos
 Varados por magna atroc...
 Enquanto assim padecemos
 Os anjos pedem por nós.

Caminho do sertão.

Cão longe a casa! Sem riques alçargos
 Vel-a atravez da matta. Nos caminhos
 A sombra doce e sem achad ducangos
 Vamos rios dous, meu pobre irmão, riuinho

É noite já. Como um folio remanesco
 Harmonem as aves nos pequenos ninhos
 Vamos mais devagar... de manso e manso
 Para não assustar os passarinhos.

Bolhões estrelados. Todo o céu parece
 Regas de joelhos a chorosa terra
 Sua primeira a Creença do desapego a dor

No longe da Inafnem dourando a terra
 Churilidos. Santa panna. Meus extermos
 O incenso agraite da jurema na flor

O que são estrelas...

A. Aguiar, brelho

Ai! quantas vezes em sciencia
 A noite olhando as estrellas
 Como quem sonda um abysmo:
 Meu Deus! o que serãõ ellas?

Eu julgo que são pequenas
 Almas gentis de crianças
 Voando as plagas serenas
 Como um bando de esperanças.

Caçoulas ^{lignas} doces, sagradas,
 Cheias de amor e de encantos,
 Hostias formosas, nevadas,
 Eucharistia dos santos.

Sonhos de moça partidos,

Resillussis de poetas,
 Raios de luz desperdidos
 Nas azas das borboletas...

Doces
 Brancos lyricos transportados
 Para uma encantada horta,
 Sorrisos tristes, magoados,
 De uns labios de noiva morta.

Rutilos, lindos novellos
 Formados da luz arriena
 Em aurcolava os cabellos
 Cão louros da Magdalena.

Cada estrella, penso, encerra
 Uma alma branca de rosa,
 Sue os anjos levás da terra
 Para a santa mais formosa.

Vere sei o Azul brilhante
 O manto azul de Maria,
 E cada estella um diamante
 Que n'este manto irradia.

Ou talvez pennas dispersas
 De um' aza nivea de archanjo...
 Supillas em luz immensas
 Nos olhos castos de um anjo.

Parecem raios divinos
 No azul immenso e sem véo...
 Ninhos de ouro, pequeninos,
 Nos beija-flôres do Céu...

E enquanto sciismo respondem
 Os astros, brancos assimidos.

São somos berços que escondem
As almas dos passarinhos

CeTeSte

(A uma criança)

Eu fiz do Céu azul minha esperança
 E dos astros dourados meu thezouro....
 Imagina porque, doce criança,
 Nas noites de luar meus sonhos douro.
 Imagina porque como a luz mansa,
 A luz que boia sobre um cilio de ouro.
 E adoro o Mar sem fim, doce criança,
 E tudo o que é azul, tudo o que é louro.
 Imagina porque peço na morte
 Que me esquife todo azul que me transporte
 Longe da Terra, longe dos escothos
 Imagina porque mas, lyrico santo!
 Não digas a ninguém que eu amo tanto
 A cor de teu cabelo e a de teus olhos.

Soli

Ao incomparavel autor das "Lancias",

Gascia Redondo.

Fermosa e pura como um lyrio puro
 Sa sua alvura virginal de neve

Soli no esquiso pequenino e leve
 Sa vai caminho do sepulchro escuro

Vai vestidinha como a Virgem santa
 Mãe de Jesus, o doce Nazareno:

Mortalha branca de um alvô que encanta,
 Manto estrellado côr do azul sereno

Pallida a face faz lembrar tão linda

Me um lyrio murcho a pallidez sem fim...

(Como é bonito amortalhado assim

Um lyrio branco desbrochando ainda!)

O caixãozinho tem a côr divina

No mundo immenso onde Jesus habita,
E o corpo frio da gentil maninca
Reposa n' elle entre jasmims e fita

Seu cabellito perfumado e lemo
Cobriação todo de cheirosas flores...
Craz-nos a mente sepullada em dores
Um encantado e virginal thezouro.

Vedes solução tristes contemplando
O esquiço santo que caminha ali...
Beijos saudosos em formoso bando
Voão chorando a procura do li.

O' evancinha, i' pequenina aurora!
Descerra as folhas, assucina amiga!
Rosa odorada que o tufão desliga
Na haste mimosa, quem te beija agora!

Mas já não ouve o pobre serbio morto.
 Tão longe o esquife ninguém mais alcança.
 Barco celeste vai levando ao porto
 O corpo amado d'esta flor creança.

É branca e branca como um lysio puro
 Na sua alvura virginal de neve
 Soli no esquife pequenino e leve
 Lá foi caminho do sepulchro escuro.

Bohêmicas

Quando me vires chorar
 Eu sou infeliz mas creias,
 Eu choro porque no Mar
 Nem sempre cantão seceias.

Choro porque no Infinito
 As estrellas luminosas
 Chorão o orvalho bendito
 Eu faz desbrochar as rosas.

No labio o consolo santo
 É o riso que vem santando...
 O riso de othar é o pranto:
 Meus olhos sem chorando.

O seio branco da aurora
 Desama ~~no~~ ovalhos a flor ...
 O cirio que brilha, chora:
 A dor também fez a luz ?

Quos olhos cheios de ardores
 Animam rosas nas faces ...
 Que seria d' essas flores
 Me diga, se não chorasses ?

Sou moça e bem sabes que
 A moça não tem martírios ...
 Se chora muito é porque
 Pretende imitar os lyrios.

Enquanto eu viver no mundo
 Meus olhos hão de chorar ..
 Ah! como é doce o profundo

Soluço eterno do Mar!

Do labio o consolo santo

É o riso que vem cantando...

O riso do olhar é o pranto:

Meus olhos riem chorando.

Soneto do Céu
 Dolentes

Quanta tristeza se encerra
 No mundo no meus véo!...
 Não quero morar na terra,
 Me deixem subir ao Céu...

Me deixem subir ao Céu
 Nos raios d'aquella estrella...
 Minha mãe quando morreu
 Pediu-me que fosse vel-a...

Eu quero subir ao Céu...
 Me mostra o caminho, estrella!

Não foste tu que guiaste
 - O' astro, lyrio sem haste

Que vives chorando além ... —
 Com tua luz resplendente
 Aos santos reis do Oriente
 No caminho de Belém?

Pois, eu quero ver Jesus...
 Me faça um brilho de luz.

Ah! que tristeza se encerra
 No mundo no escuro véo
 Não quero viver na terra,
 Me deixem voar ao Céu! ...

Me deixa subir ao Céu
 Como uma penna bem leve
 Que fosse no seio teu,
 O' nuvem branca de neve!

Eu quero voar ao Céu
 Como uma pena bem leve...
~~Quero voar e fugir...~~

Na terra se chora tanto
 Que se Deus guardasse o pranto
 Que o mundo inteiro derrama...
~~As gotas já no infinito~~
~~O choro do pólvore afflictivo~~
~~Se não apaga a chama~~

Mas todo o pranto que desce
 Por nossa face, parece
 Que Deus o transforma em prece...
 E a prece, cheirosa incenso,
 Nas asas do vento imenso
 Se perde no Azul dos Céus
 Buscando o seio de Deus.

~~Eu quero mudar-me em prece,
O' auras levá-me aos céus...~~

Chorando....

(A alma santa de minha mãe.)

Fazia noite.... A tristeza
Fudo envolvia em seu véo....

Soluçava a natureza,
Chovia orvalho do Céu.

E n'aquella noite assim
Cão tenebrosa e tão fria ?
A minha mãe se partia
Para o Céu azul sem fim.

Fallou-me a chorar: filhinha,
O vicio do mundo aterra....

Reune tu 'alma a minha
Fujamos ambas da terra.

Beijou-me, e qual sonho doce
Sua vida evaporou-se.

O' mãe! porque me deixaste
No mundo sem teu amor!
Sou como o lyrio sem haste
Murchando sobreinda em flor....

Podias me ter levado
Ao Céu contigo, divina!
Sria em teu seio amado;
Eu era tão pequenina!

Fiquei sozinha e perdida
O' mãe! no mundo de abrolhos....

Na noite de minha vida
 Derrama a luz de teus olhos!

7
 Não tenho medo da morte...

Sua deve levar-me a ti,
 O' minha estrella do Norte,
 Meu celeste logary!

~~— — — — —~~
~~— — — — —~~!

Symbolicas.

(A familia grama)

Symbolicas

Quando Deus criou o thim
 As estellas em cardume,
 Na Terra criou tambem
 As flores, mas sem perfume.

Um dia ao mundo de abrolhos
 A Virgem pura desceu,
 Com um manto da cor dos olhos,
 E uns olhos da cor do Céo.

No Céo azul de seu manto
 Brilhava um astro: Jesus
 E em seu olhar sacrosanto
 Brilhava a Innocencia e a Luz

« Maria ! os Anjos clamarão,

A chorar, vende-a partindo...
 Eu levas nossa alegria...))
 Mas da Terra lhe acenarão
 As flores todas abrindo:
 Maria!

E Ella deixou do Infinito
 Os resplendentes fulgores,
 Para acudir ao benedito
 Acervo doce das flores

E teve pena de vel-as
 Formosas mas sem ter brilho...
 Olhou sorrindo as estrellas
 Nos cabellos de seu filho.

Fôra Ella que as figura
 Com a graça de seu sorriso,

N'um dia de primavera,
Na gloria do Paraíso.

E seus olhos procurarão
Algun occulto thezouro:
Para as flores que fazia?
Quando, do Céu, a chamarão
Os Anjos todos em coro:
"Maria!"

Ta partir.... Que lembrança
Podia deixar no campo?
Vera o sorriso a cranga,
Estrellas ao pyrilampo!

Os meigos olhos feipassa
Não sei que tampejo doce....
E a Virgem cheia de graça

No mundo triste evolou - se

Mas, Ella que dera o encanto
Do riso sagrado a infancia,
Da dobra azul de seu manto
Deixou cahir a fragancia

Nosde este dia na Terra
As flores sabem fallar
A voz da flor e a ambrosia
Que Santa doçura encerra
Quando murmura ao luar:
"Maria!"

Zirna

Foi em Dezembro no mez benedito
 No mez de festa que ella partiu...
 Poude este tempo do seu afflicto
 Minha alma bouca tambem fugiu!

Era ~~foe~~^{tao} grande minha agonia
 Sue quaxi morro de soluços
 Quando beijei-a na face, qua
 Como uma concha que sac do Mar!

Corria a noite... (Me lembro tanto!)
 Noite de lua, mysteriosa....
 Choravao outros no ethero manto....
 Meu Deus, que noite silenciosa!

A lua manea no céu rogava

Como um barquinho n'água do rio
 E parecia que murmurava:
 « No Céu formoso faz tanto frio! »

No esquisse azules feito a capricho,
 Sor entre rocas de alvura tanta!
 Quitaram Kirma como no nicho
 Se guarda a imagem de alguma Santa

O rosto branco ~~do~~ cor do gelo
 Um doce lyrico trazia a mente
 Na noite escura de seu cabello
 Nem um só astro resplandecente!

Ninguém diria que estava morto
 O labio aberto por um sorriso
 Na terra triste: que desconforto!
 Quanta alegria no Paraíso!

Como uma moça, pura e singella,
 Sue deixa o mundo para ser freira,
 Eoda ~~de~~ branca tinha a capella
 Feita de flores de laranjeira.

Foi sob o manto, formoso e leve,
 Muito esbellado, de aquil setim,
 Nas mãos pequenas da côr da neve
 Sordia o terço côr de marfim.

Subiu-me aos olhos em doudo assomo
 O amargo pranto do coração,
 Vendo-a tão linda vestida como
 Nossa Senhora da Conceição.

Os olhos negros erãe dous cirios
 Que se estinguirão no pé do altar...

Aquelles olhos, meus dons martyricos,
 Quem contemplava em estuços!

O pobre Zama, nevea asserena,
 Camelia branca murchada na face,
 Porque fugiste da vida amena,
 Porque tão cedo me abandonaste!

Eu precisava de teu carinho
 Como de ervalho precisa a flor...
 Em balde busco no meu caminho
 O amparo doce de teu amor!

Anjo da guarda formoso e santo
 Eu me escondia nas tuas asas,
 Quem é que agora me inverte e pro
 Cilio eterno na face em braxas.

Sem estes olhos que a morte cerra,
 Sem o consolo de teu sorriso,
 Como é que posso viver na terra,
 O minha santa do Paraíso!

Tuas mãos.

Com estes dedos de fadas,
 Tão formosos e pequenos —
 As tuas mãos adoradas:
 Que causam tantos martyrios,
 Que eu chamaria dons legios
 Se houvesse legios mortuos!

Simples.

A No do Gloria Patri

Eu amo minhas lembranças,
 Minhas saudades e dores,
 Assim como amo as crianças,
 Os passarinhos e as flores.

A tudo o que é fraco e triste
 Devemos affecto e luz:
 Pois nada no mundo existe
 Que aadar de como uma cruz.

A criança que chora
 É como o lyrio ao nascer:
 Um raio de sol implora
 Para que chegue a viver.

É o raio de sol que damos

Ai! tudo o que é prado e verde
 Precisa de amparo e luz...
 E nada no mundo existe
 Tão triste como uma bruy!

Por isso adoro as lembranças,
 As amarguras e as dores,
 Assim como amou as crianças,
 As cordelinas e as flores.

197
Sancta Virgo virginum.

Mater purissima
Mater castissima
Mater inviolata

O' santa estremecida,
Formosa e immaculada!
Estrella abençoada
Do Céu de minha vida!

2
Princha casta e santa
Das virgens do Senhor,
Eterno resplendor
Que o mundo inteiro encanta!

3
Eu és minha alegria,
Meu unico sorriso,
O' flor do Paraiso,
Angelica Maria!

4
Ai' quantas vezes, quantas!
A minha fronte inclina
Orando a ti, divina!
O' Santa entre as mais santas!

7
Amada creatura!
Me lança, intermeido,
O teu olhar ungião
De immacula Doçura!

5
Enfeitam luz e flores
O pé de teu altar....
Inocencioso e eterno mar
Afoga as minhas dores!

6
O' Virgem tão serena!
Sou do meu sonho doce,
Perfume que evolou-se

199
De um rio de assucena!

8
O' arco da alliança,
Celeste e branco lyrio,
Me salva do martyrio,
Senhora da bonança!

9
Envolve no teu rio
A minha triste sorte,
E mostra-me, na morte,
A porta de teu Céu!

1894
E

200
Rancho

Tão branca as sol me amara,
O teu cabelo o teu cabelo,
Sem resposta ao sol que ilumina
Jumais, jamais, quem nel se

Pois sabe porque, Maria!
Do sol o brilhante acite
Se vive a terra de dia
Porque não gosta da noite

É um tempo que ao ves formosa
O teu cabelo sem brilho
O sol que é tão imenso
Tão quise a formal do Coiro

Loiro, e Mercês! o repouso
Onde descanso com a Cruz, ...
A ~~de~~ sombra onde ponho
Meus olhos fartos de luz?

Vão quero flor de mim! adm.
Linda esperança em botões! ...
O dia não é que a alma
As magarais do coração

Quando a dor em fusão busca
O que vem magoar o veio,
A ~~de~~ noite não tem busca
Para ~~o~~ ~~de~~ sem veio.

E a minha noite mais pensa
No teu cabelo e que a nojo
Esqueço toda a mais que
Te a tua cabeça! ~~de~~!

O agora, santa, avalia
Se já não tens mais,
Se chegasse a ver um dia
O teu cabelo, Maria!
De por los astros do Céu!

E agora, santa, avalia
Se podesa a ver um dia
O teu Cabello, Maria!
Da por dos astros do Céo!

Goivos
(A memoria de Trineu)

Um dia ... (eu era menina)
Erassem-me um passarinho
Era uma ave pequenina
Bombada as calos de um ovinho.

Inda não era sol posto ...
Quantos perfumes trazia
A roagem fresca e macia
D' aquella Ave de Agosto!

Peragatinho, ~~no~~ solo
Suntamente a cantarolar,
Ter logo fuz-me a combalar
O pezesinho no solo

Sue tempo estivo, não sei!
No mundo inteiro distante,
O jardim de aquelle instante

Foi a terra que eu amei.

~~III~~

Depois... a noite desce
E eu senti dentro do meu
Nas veias que vaguei
Na tarde que além meridia!

A minha gaiola pequena
Fui deitar o passarinho,
Tecendo lá dentro um ninho
De algodão frouxo e de pena.

Após dias de privação de
Sua grande liberdade imortal
No fundo da gaiola
Aqui morto e pobre amor.

Então biquinho entalado
Qual se morresse e cantasse.

É um peccado azar alustô
Lemo de fosse vras.

Chosci Am hypocrisia
Lemo se chufa em nuanga...
Era a primeira esperanza
Sue do seu me fugia.

|||

Sue annos já vras! Entanto
So' records entristecida
A hora em que se vem veda
O men pequeno encanto.

Qad' aquelle triste dia,
Do bompinto de nuanga,
Lomestro como lembrança
A gauslota vasia.

Lembrança ingenua e sagrada.

Carícia que se balouça
Dentre os meus braços de esposa
Como religião adorada!

III

Um dia d'estes, enferma,
Eu recordava, a Chusar,
Um estado que se bulhar
Em minha vida tão errada.

É chegado desconforto
Fui evocando o perfil
Sereno, amigo e gentil,
De um irmãozinho morto.

Quando ouvi, muito baixinho,
Um grito, vago e desido,
Como o sal do asso fendido
De amá-ava pedindo o ninho.

³
Fulguei sonhar... Mas suposta
Octava ainda e esmola!
Aquelle gemido vinda
Da doçivela decosta.

2
Em um onsuria no mundo
Penetrar na solidade,
Onde gemia a sanção
No meu arraçoado no fundo,

4 3
Era o soluço choroso
Da ave que se partura
E de meu sus fugera
Em busca do azul formoso!

1 1
Mas a garota a vasa,
Que em conserva, noite e dia,
Não sabe bem? É o Coração.

È dentro d'elle que moria,
È dentro d'elle que chora
c'è alma de onice vivia.

E dentro d'elle que mora,
E dentro d'elle que opera
cet alma de onice vinnas!

É dentro d'elle que moro a,
É dentro d'elle que choro a
É alma de onice virado.

Indice

Primeira pagina.	X		7
Angelina.	X	13	8
Passando.	X	18	12
Seus amos.	X	3	13
Mystico.	X	12	14
Renato.	X	15	15
Calvez.	X	28	17
Mater.	X	6	18
A beira do Mar.		10	20
Olhos azues.		19	21
Desentimento.		35	23
Spink' alma e o Verso		7	24
De longe ...		33	29
Partindo.		38	31
Antonietta.		100	32
			25

Meu sonho.	30	12	39
No templo. 2	X	34	36
Noemi.		49	38
No album de uma amiga.		30	39
Rua de inverno.		23	40
Cantai!		42	41
Carlota.		X	44
Sagrionas. 1	X	14	45
A morte de Helena.		50	46
Soneto.		80	48
Regina Cali.		5	49
O Beija-flor.		64	53
Feliz.		53	54
No luar. 11	X		57
Desalento.		75	60
Página triste.		82	
Morta.		54	63
A' alguém.		24	65
		48	

<u>Doloras.</u>	- 56	131	67
<u>Cantando.</u>	- 8	X	68
<u>Pobre flôr!</u>	- 88		72
<u>Um sonho.</u>	X - 69	14	73
<u>Meu Pai.</u>	- 32	6	76
<u>A ti ...</u>	- 41	12	77
<u>Recuerdo</u>	- 31	128	79
<u>Minha mãe</u>	- 45		83
<u>Flôres</u>	X - 51	14	84
<u>Retrato.</u>	90		96
<u>A meu bom anjo.</u>	X - 55	16	87
<u>Sonca mais.</u>	X - 45	24	89
<u>Enxada a fôr.</u>	- 4	14	91
<u>Do passado.</u>	- 81	27	92
<u>Dois liquiros.</u>	X - 44	16	94
<u>Rondita.</u>	- 146		97
<u>Omêto.</u>			98
<u>Jesus</u>			104

Meu sonho	7	12	33
No templo 2	X	34	36
Nemi		49	38
No album de uma amiga		130	39
Rua de irouemo.		23	40
Cantai!		42	41
Carlota.		X	44
Sagrarias.	X	14	45
A morte de Helena.		50	46
Soneto.		80	48
Regina Cali.		X	49
O Beija-flor.		64	53
Feliz.		53	54
No luar - 11	X	147	57
Desalento.		X	60
Página triste.		82	
Morta.		54	63
A' atquem		24	66
uma de ...		148	

<u>Doloras.</u>	- 56	131	67
<u>Cantando.</u>	- 8 X		68
<u>Pobre flôr!</u>	88		72
<u>Um sonho.</u> X	69	14	73
<u>Meu Pai.</u>	32	6	76
<u>A ti ...</u>	41	122	77
<u>Requardo</u>	31	128	79
<u>Minha mãe</u>	43		83
<u>Flôres</u> X	51	14	84
<u>Estiveto.</u>	90		96
<u>A meu bom anjo.</u> X	55	16	87
<u>Truca mais.</u> X	45	24	89
<u>Estada a fóra.</u>	4	14	91
<u>Do passado.</u>	81	27	92
<u>Dois líquidos.</u> X	44	16	94
<u>Rondita.</u>	146...		97
<u>Correto.</u>			98
<u>Jesus</u>			104

A...				100
A memoria de uma ave	-	70		708
Na judia.	X	25	113	109
Visita a um tumulo.	-	72		111
No Mar.	X	60	18	115
Quadras.		32	71	117
Magoas.		64	35	118
Foj.	-	40	37	12
Meu coração	-	8		12
A volta da uestão.		24		12
No album de Polores.	-	85	14	124
Foras do destino.	-	27		125
Melancolia.	-	18		126
Selos pederestros.	-	2	42	128
A niva.	77		14	131
No cemiterio.	-	26	33	132
***	-	89	40	134
Remissencia.	-	86		136
O Coração e o beijo	-	76		137

Si essa era a mesma era ^{corren} para a cetrilla 193

At monja	84	50	139
At trança	23	49	140
Sagins azul	37	118	142
No clarão da lua	19	84	144
Rezando	27	7	148
Regoma do coração X 10		15	151
A luz de teu olhar	73	117	153
As joelhas	73	117	155
Luzida	61	3X20	158
A joia	39	11X	160
Olhando o céu	2	X	162
Na Capelinha X 65		170	164
Caminho do sertão	74	X	168
O que são estrelas....		59	169
Céus te X 9		X	172
Sol	66	175	173
Bohemias	62	36	176
Dolentes laus de deus		87	179
	63	145	181
Chorando....	68	145	182
		145 antes X	
Simbólicas	36	X 2	185
Linha	48		189
Quas mãos	46	146	193

Si essa lista ^{corren} ~~branca~~ era para a leitura 193

A <u>monja</u>	84	50	139
A <u>trança</u>	23	49	140
<u>Sagins azul</u>	37	118	142
No <u>clarão da lua</u>	19	84	144
<u>Rezando</u>	27	7	148
<u>Coronã do coração</u>	X 10	15	151
A <u>luz de teu olhar</u>	114		153
<u>Nos joelhos</u>	73	45	155
<u>Lepidã</u>	61	3X 20	158
<u>A joia</u>	39	11 X	160
<u>Olhando o Cio</u>	2	X	162
<u>Na Capelinha</u>	X 65	170	164
<u>Caminho do sertão</u>	74	X	168
O <u>que são estrelas</u>	59	94	169
<u>Cedaste</u>	X 5		172
<u>Tôla</u>	66	173	173
<u>Donernias</u>	62	36	176
<u>Volentes Lusadas do Cio</u>	87	51	179
<u>Chorando</u>	68	63 145	181
<u>Simbolicas</u>	36	140 antes X	182
<u>Linha</u>	48	2	185
<u>Quas mãos</u>	46	139	189
		16	193

Si essa epa ^{coron} branca era para a cetula 193

A monja	84	50	139
A trança	23	49	140
Sagins azul	37	119	142
No clarão da lua	19	84	144
Rezando	27	7	148
Sigoma do coração	X 10	15	151
A luz de teu olhar	114		163
Dez joelhos	73	45	156
Sepia	61	3X 20	45
A joia	39	1 X	160
Olhando o Cio	2	X	162
Na Capelinha	X 65	110	164
Caminho do verão	74	X	168
O que são estrelas....		59	169
Celeste	X 9	94	172
Sole	- 66		173
Donermias	62	36	176
Dolentes		87	179
Chorando	68	63	181
Simplicicas	36	X 2	182
Sirma	48		185
Quas mãos	46	10	189
		39	193

Simplex - 79 / 44

aneta Verdo ingim / 13

~~gata~~ / 4

Phytaria / 4

194

18 por
27 L.
A.

Canudo de cutão / 10 / Bonito 12

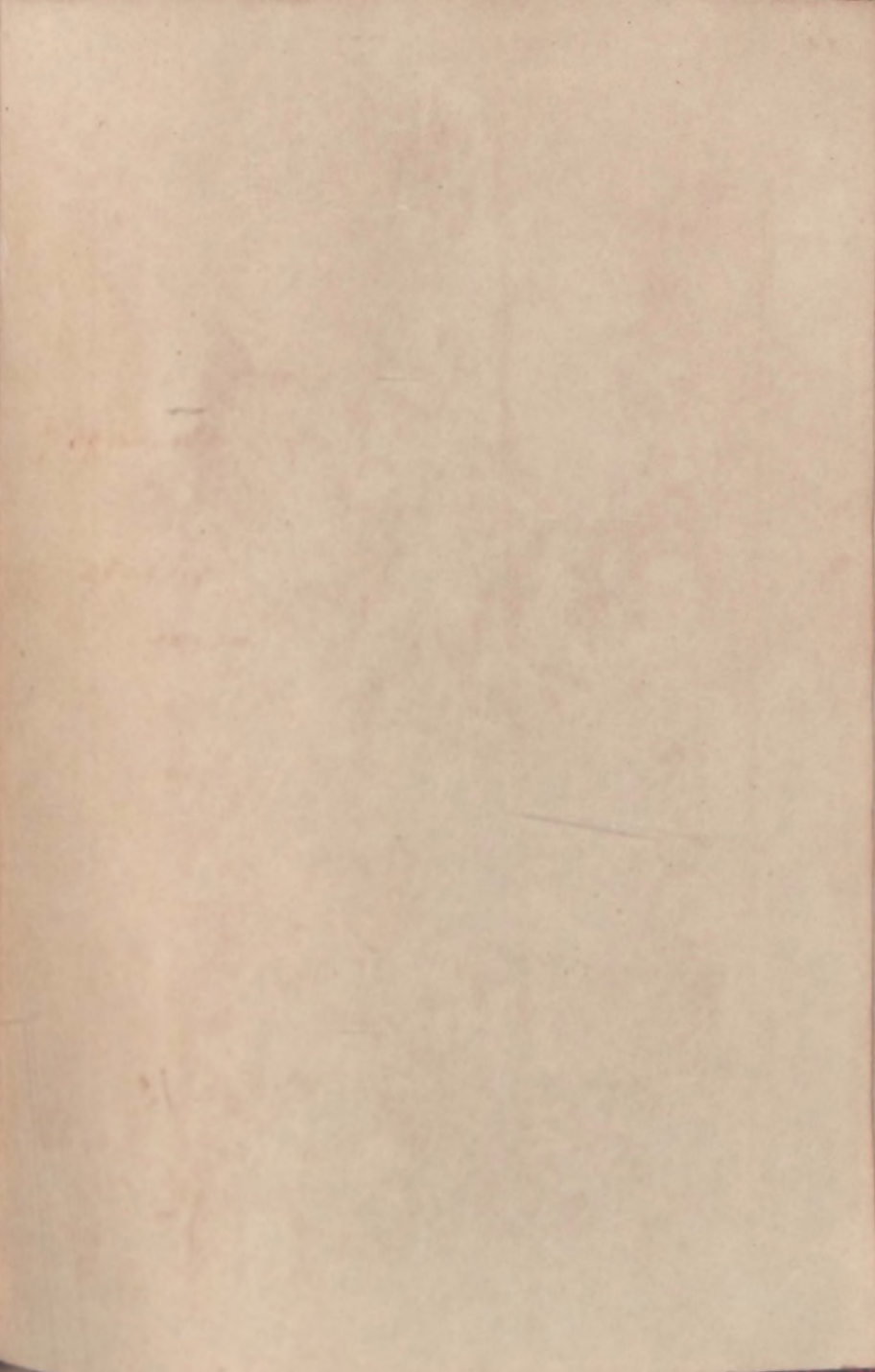
Extinto 33
Tela flor / 35

Reza flor

A memoria de nome sul 17

23

27



Simples	79	/ 44	194
aneta	79	/ 44	194
galea	11	4	209
<u>Phytaria</u>		4	200

18 por
27 Lj
5 A.

Canidia do duto	10	Soneto	12
Estimote	33	Reza flor	
Osbe flor	35		
A memoria de nome		14	

23
204

